



**Universidade Católica de Pernambuco
Pró-Reitoria Acadêmica
Mestrado em Ciências da Linguagem**

JÚLIA DA SILVA MARINHO

**MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE UM AFÁSICO COM DIFICULDADES
EXPRESSIVAS**

RECIFE

2008

JÚLIA DA SILVA MARINHO

MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE UM AFÁSICO COM DIFICULDADES EXPRESSIVAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadores: Prof^a. Dr^a. Marília Ana de Moura Aguiar
Prof. Dr. Francisco Madeiro Bernardino Junior

Recife

2008

M338m

Marinho, Júlia da Silva

Marcas da oralidade na escrita de um afásico com dificuldades expressivas / Júlia da Silva Marinho; orientador Marigia Ana de Moura Aguiar ; co-orientador Francisco Madeiro Bernardino Júnior.

82 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2008.

1. Oralidade. 2. Afasia. 3. Escrita. I. Título.

CDU 615.721.3

Banca Examinadora

Profª Drª Marília Ana de Moura Aguiar – Orientadora

Prof. Dr. Francisco Bernardino Madeiro Junior – Orientador

Profª Drª Maria de Fátima Vilar de Melo – UNICAP

Profª Drª Edwiges Maria Morato – UNICAMP

Recife
29.02.2008

Às vezes, não é necessário palavra:
sussurrada, falada, suplicada, gritada.
Pois quando os olhos falam, o suor murmura,
o sorriso cala, o gesto grita.
São mais que palavras, mais que mil palavras.
(Carlos Marinho, 2007)

AGRADECIMENTOS

À Marília Aguiar, orientadora da dissertação e orientadora da vida. Meu exemplo, minha meta. Agradeço-lhe por sempre ter acreditado em mim, principalmente, nos momentos quando eu mesma não acreditava. Sem o seu incentivo, com certeza, eu não teria chegado até aqui;

Ao professor Madeiro pela valiosa colaboração na trajetória deste trabalho;

Aos participantes do Grupo de Convivência de Afasia da Universidade Católica de Pernambuco, de maneira especial ao sujeito MA, pela confiança em nosso trabalho;

Aos amigos e professores do mestrado, pelas enriquecedoras discussões e apoio;

Aos amigos da vida, que compreenderam as ausências e mostraram-se sempre presentes quando precisei;

Ao meu Rafael pelo apoio, incentivo, compreensão, paciência e torcida em todos os momentos;

E, principalmente, aos meus pais, que me ensinaram a entender o mundo e propiciaram as vitórias que venho conquistando. Os torcedores mais fiéis da minha arquibancada, os maiores incentivadores. A eles, dedico a minha dissertação, a minha vida.

RESUMO

O indivíduo afásico apresenta alterações na linguagem em todos os seus aspectos. O papel do fonoaudiólogo é atuar na reabilitação e melhoria dessa patologia, trazendo à clínica atividades que viabilizem a comunicação e, conseqüentemente, a re-inserção social desse sujeito. No entanto, atualmente, durante esse processo de resgate da linguagem, prioriza-se o restabelecimento da oralidade, sem, muitas vezes, levar em consideração a escrita. Através deste estudo, pretende-se, por meio da exploração da modalidade escrita, proporcionar uma melhor readequação da oralidade, de modo a favorecer uma recuperação mais efetiva da linguagem como um todo. A pesquisa foi realizada considerando a análise da produção escrita de um sujeito afásico com dificuldades expressivas, participante do Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco. Foi realizada a análise de vinte encontros do Grupo, levando em conta suas produções textuais e iniciativas comunicativas, enfocando as marcas da linguagem oral em sua escrita, com destaque para a relação fala/escrita como ponto fundamental para a reconstrução da oralidade. A análise dos dados foi baseada nos estudos sobre a fala e a escrita, a partir da perspectiva de Marcuschi (1995), destacando a relação entre essas duas modalidades da linguagem para a atividade terapêutica dessa patologia, promovendo estratégias para que esse sujeito possa se fazer entender, e voltar, assim, ao convívio social. Os resultados obtidos no presente trabalho corroboram a estreita relação existente entre a fala e escrita no processo de resgate da linguagem do afásico. As características da oralidade observadas na escrita do afásico divergem, em parte, daquelas que são possíveis de serem encontradas na escrita de um sujeito que não foi acometido por essa patologia. Destacam-se marcas da oralidade na escrita do afásico com dificuldades expressivas, contudo, são marcas e indícios característicos da linguagem oral do afásico. Espera-se que os profissionais da fonoaudiologia possam perceber as vantagens de se trabalhar a partir da perspectiva sociointeracionista, aproveitando todos os recursos utilizados pelo paciente afásico para o restabelecimento da sua linguagem. A relevância do trabalho está em identificar características e oferecer estratégias para a superação das dificuldades enfrentadas por esse sujeito.

Palavras-chave: oralidade, escrita, afasia.

ABSTRACT

The Aphasic presents alteration in the language in all its aspects. It is a task of the speech-language pathologist to act in the rehabilitation and improvement of this pathology, bringing to the clinic activities that make possible the communication and, consequently, the social re-insertion of this citizen. However, currently, during this process of rescue of the language, the main goal to achieve is the reestablishment of the orality, without, in many times, taking in consideration the writing. Through this study, it is intended, through the exploration of the written modality, to provide a better recovering of the orality, being able to reach a more effective recovery of the language as a whole piece. The research was realized with base on the analysis of the written production of an aphasic citizen with difficulties expressive, inserted in a Group of Acquaintance for carriers of Aphasia at the Universidade Católica de Pernambuco. The analysis of twenty meetings of the Group was carried through, considering his writing productions and initiatives to communicate, with focus in the marks of orality in its writing, highlighting the speech and writing relation as a fundamental point for the reconstruction of the language. The analysis of the data was based on the studies on speech and writing, thru Marcuschi (1995) perception, pointing out the relation between these two modalities of the language for the therapeutical activity of this pathology, promoting strategies so that this citizen can make himself be understood, and come back, thus, to the social conviviality. The results gotten in the present work, points to the confirmation of the narrow existing relation between speech and writing in the process of rescue of the language of a aphasic person. The observed characteristics of the orality in the writing of the aphasic person diverges, in part, from those that are possible to be found in the writing of a citizen that was not attacked by this pathology. Marks of the orality in the writing of the aphasic person with difficulties expressive are distinguished; however; they are marks and characteristic indications of the oral language of the aphasic person. It is expected that the speech therapists can identify the advantages of working from the social interactionist perspective, making good use of all resources used by the aphasic patient for the reestablishment of his language. The relevance of the related study is in identifying characteristic and offering strategies to overcome the difficulties faced by this citizen.

Key-words: orality, writing, aphasia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Gênero textual exposição informativa, em que MA descreveu as características de um participante do grupo.....	42
Figura 02 – Produção textual realizada por MA no 2º encontro em atividade de venda de objetos.....	43
Figura 03 – Produção escrita construída também no 2º encontro, em que é possível visualizar cálculos realizados por MA.....	43
Figura 04 – Produção textual em que MA escreve o preço do seu objeto e faz o cálculo solicitado pela cliente.....	45
Figura 05 – Gênero textual convite produzido por MA e lista do que iria levar para a festa junina.....	46
Figura 06 – Convite final com as idéias sugeridas pelo grupo.....	46
Figura 07 – Receita de milho cozido escrito no quadro branco.....	48
Figura 08 – Fotografia do quadro branco no dia da festa junina do Grupo de Convivência com dizeres escritos por MA.....	49
Figura 09 – “Conversa escrita” produzida por MA no retorno das atividades do grupo, contando os fatos ocorridos durante o recesso.....	51
Figura 10 – Fragmento do “Diário de Férias” de MA, narrando situações ocorridas durante o recesso.....	53
Figura 11 – Produção extraída do “Diário de Férias” de MA.....	54

Figura 12 – Texto de MA sobre um cometa que irá atingir a terra entre 2010 e 2019.....	55
Figura 13 – Gênero textual quadrinho construído por MA em atividade do grupo.....	57
Figura 14 – Continuação da história em quadrinhos produzida por MA.....	58
Figura 15 – Última parte da história em quadrinhos sugerida como atividade no Grupo e realizada com sucesso por MA.....	58
Figura 16 – Tentativa de produção do gênero bula de remédio realizada por MA.....	60
Figura 17 – “Conversa escrita” realizada por MA no 12º encontro referente a atividade realizada com música e a narração de uma história.....	61
Figura 18 – Através da escrita, no quadro branco, MA conta ao novo participante do grupo a história da sua afasia.....	63
Figura 19 – Fotografia do cartão de aniversário escrito por MA para JL, outro afásico integrante do Grupo.....	65
Figura 20 – Atividade escrita com gênero textual resumo.....	66
Figura 21 – Desenho realizado por MA no 20º encontro.....	67
Figura 22 - Produções de MA na relação com o <i>continuum</i> de gêneros textuais proposto por Marcuschi (1995).....	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A AFASIA.....	15
2.1.1 Conceito.....	15
2.1.2 Classificações e concepções.....	16
2.1.3 O afásico e as afasias.....	19
2.2 FALA E ESCRITA.....	22
2.2.1 A visão dicotômica.....	22
2.2.2 Outras tendências da fala e escrita.....	24
2.2.3 A perspectiva sociointeracionista proposta por Marcuschi.....	24
2.3 INTERVENÇÃO DA FONOAUDIOLOGIA NOS ASPECTOS RELACIONADOS À FALA E ESCRITA.....	31
3. METODOLOGIA E QUESTÕES ACERCA DA ANÁLISE DE DADOS	36
3.1 Princípios metodológicos	36
3.2 O sujeito MA.....	39
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
4.1 Descrição e análise da produção escrita de MA durante os encontros.....	41
4.2 Os dados e a perspectiva teórica adotada.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	79
ANEXO	

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende ampliar a visão, em muitos casos, ainda restrita, sobre os estudos da linguagem de pacientes afásicos e a relação de interdependência existente entre a fala e a escrita, bem como sua inquestionável importância no decorrer desse processo de reconstrução da linguagem.

Para tanto, foi realizado um estudo de caso de um afásico que apresenta dificuldades predominantemente expressivas, embora mantenha a comunicação através da escrita.

O foco da pesquisa, então, esteve em verificar se as marcas de oralidade são preservadas na escrita desse sujeito e, conseqüentemente, analisar esses indícios, tendo em vista a forte relação existente entre as duas modalidades da língua: fala e escrita.

Segundo Marcuschi (2007), oralidade e escrita são práticas de língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para definir dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia. Por esta razão, não é possível analisar essas duas modalidades como processos divergentes, ao contrário, é necessário analisá-las como modalidades pertencentes a uma mesma língua.

A fala e a escrita devem ser vistas como produtos de práticas sociais que determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade, justificando o posicionamento da relação entre elas no eixo de um *continuum* sócio-histórico de práticas, de variações que se estendem às situações, gêneros e formatos estilísticos.

Ao longo desse *continuum*, surgem características que se aproximam ora da modalidade falada ora da escrita. E, em alguns momentos, não se sabe o que é escrito ou oral, surgindo, assim, marcas ditas orais na escrita ou vice-versa.

A afasia, que surge como seqüela de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), pode causar dificuldades compreensivas ou expressivas, que são tidas como marcas da lesão na linguagem desse sujeito acometido.

De acordo com Kitzing, Ahlsén & Jönsson (2005), o sintoma mais proeminente da afasia, geralmente, é uma dificuldade na fala, e muitos leigos acreditam que exercícios articulatórios devem ser o tipo de abordagem utilizada, o que nem sempre é correto.

Assim, dependendo do tipo da proposta terapêutica em que o fonoaudiólogo se baseia, em outras palavras, da concepção de língua e linguagem que fundamenta a sua perspectiva, a sua atitude dentro da clínica será diferente.

Atualmente, o trabalho com afásicos na clínica fonoaudiológica vem privilegiando a modalidade oral em detrimento de outros modos de comunicação (SANTANA, 2002).

O fonoaudiólogo, seja por falta de embasamento teórico seja influenciado por uma visão tradicional, tem tratado a questão da relação fala/escrita como duas modalidades totalmente opostas, como era analisada, inicialmente, no campo da Lingüística. Dessa forma, ou trabalha a fala ou trabalha a escrita, isoladamente, mas nunca em uma relação, uma complementando a outra.

Esta situação se deve, provavelmente, ao fato de que a fala é a dificuldade mais proeminente do afásico, aquela mais visada, e, por isso, causa mais incômodo tanto ao sujeito acometido quanto às pessoas que com ele convivem, sendo, dessa maneira, mais valorizada no momento da reabilitação. Como destaca Marcuschi (2007, p.36), a fala pode facilmente levar à estigmatização do indivíduo, já com a escrita isso não acontece tão frequentemente. Parece que a fala, por atestar a variação e em geral pautar-se por algum desvio da norma, tem caráter identificador.

Além disso, a fala é a modalidade de comunicação por excelência. E a oralidade, enquanto prática social, é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia; será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal, dos indivíduos (MARCUSCHI, 2007). Por isso, o privilégio que a fala carrega e a discriminação sofrida pela modalidade escrita.

Assim, ao se deparar com um paciente que apresenta dificuldades para falar, não se leva em consideração os meios compensatórios utilizados por ele para se comunicar, priorizando-se apenas as atividades e exercícios que viabilizam a modalidade oral da língua.

Como consequência, a escrita, muitas vezes quando trabalhada pelo fonoaudiólogo, não é analisada adequadamente, já que tem em vista um escritor ideal que é proibido de errar e fazer suas hipóteses acerca da linguagem.

Nessa perspectiva, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de questionar o trabalho que vem sendo realizado na clínica fonoaudiológica com pacientes

afásicos e oferecer subsídios teóricos que contemplem uma mudança de abordagem ao lidar com o resgate da linguagem, tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Para tanto, busca-se perceber a relação fala e escrita como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais, evitando, assim, as dicotomias estanques, de acordo com a perspectiva sociointeracionista proposta por Marcuschi (1995).

Para fundamentar teoricamente este estudo, foram abordadas, inicialmente, questões relacionadas às diferentes concepções e classificações das afasias, bem como os aspectos relacionados à linguagem desse paciente, baseando-se nos estudos de Lebrun (1983), Freud (1977), Goldstein (1977), Luria (1977) Jakobson (1975), Coudry (2001), Morato (2006), entre outros.

Em um segundo momento, a relação entre fala e escrita foi explorada, seguindo os pressupostos de Marcuschi (1995, 2001, 2005, 2007).

Por fim, a fundamentação teórica recorre às questões referentes à intervenção da Fonoaudiologia nos aspectos relacionados à fala e escrita, baseando-se, principalmente, nos estudos realizados por Santana (2002) e Macedo (2003).

Seguindo essas bases teóricas, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar os tipos e as circunstâncias de ocorrência das marcas/ indícios da oralidade que são preservados na produção escrita de um afásico com dificuldades expressivas.

Especificamente, busca-se:

- Identificar as marcas da oralidade preservadas na produção escrita de um afásico com dificuldades expressivas. Entendendo-se por oralidade a competência lingüística demonstrada pelo indivíduo ao lidar com o processo de comunicação oral, que, nas palavras de Marcuschi (2005, p.33), “refere-se às habilidades na língua falada. Compreende tanto a produção (a fala como tal) quanto a audição (a compreensão da fala ouvida)”;
- Verificar em que circunstâncias os tipos e ocorrências de marcas da oralidade são preservados na escrita desse sujeito, visto que as relações entre oralidade e escrita se dão num *continuum* de gêneros textuais, e o posicionamento de um gênero no *continuum* justifica a maior ou menor recorrência das marcas de oralidade, podendo ocorrer,

muitas vezes, uma dificuldade em definir se o discurso deve ser considerado falado ou escrito;

- Sugerir, tendo em vista a dificuldade de organização da produção oral do sujeito afásico, e partindo do pressuposto de que, na clínica fonoaudiológica, a relação fala/escrita não é abordada de maneira adequada em decorrência do privilégio à oralidade, onde as duas modalidades da língua são analisadas mais em suas diferenças do que semelhanças, estratégias de uso da escrita com base nos achados da pesquisa, como forma, pela superação dessas dificuldades lingüísticas, de promover a inserção social do afásico com dificuldades expressivas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Algumas considerações sobre a afasia

A afasia tem sido estudada, ao longo dos anos, ora numa perspectiva organizacionista (Lebrun, 1983; Freud, 1977; Goldstein, 1977; Luria, 1977; Jakobson, 1975, entre outros), ora discursiva (Coudry, 2001; Morato, 2006; Santana, 2002, entre outros), dependendo do profissional que a estuda, e do conceito adotado em seu trabalho. Variam as abordagens e as perspectivas teóricas, dependendo do tipo de linha de estudo. Este trabalho apóia-se nos trabalhos de Coudry (2001), que apresenta uma abordagem enunciativo-discursiva ao tratar da afasia.

Essa perspectiva nos permite ter um olhar diferenciado sobre cada sujeito e suas particularidades, e a considerar todos os esforços empenhados pelo afásico em seu processo de reconstrução da linguagem.

2.1.1 Conceito

Segundo Coudry (2001, p.5), “a afasia se caracteriza por alterações dos processos lingüísticos de significação de origem articulatória no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não estar associada a alterações de outros processos cognitivos”. Pode ser definida como uma alteração no conteúdo, na forma e no uso da linguagem e de seus processos cognitivos subjacentes, tais como percepção e memória. Essas alterações são caracterizadas por redução e/ou disfunção da expressão e recepção da linguagem oral e/ou escrita, embora em diferentes graus em cada modalidade (CHAPEY, 1996 *apud* ORTIZ, 2005).

Em resumo, a afasia é, basicamente, uma questão de linguagem; um problema essencialmente discursivo, não redutível aos níveis lingüísticos, isto é, à língua. Envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos de alguma

maneira a ela associados; envolve, além disso, as práticas lingüísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativamente humanas (MORATO, 2006, p.154).

Dependendo do tipo de afasia, alguns desses aspectos são afetados de forma mais específica. Podem apresentar-se em conseqüência de diversos transtornos neurológicos, como acidentes vasculares cerebrais, tumores, traumatismos cranioencefálicos, demência, entre outros (DAMASIO, 1998 *apud* MENDONÇA, 2005).

De acordo com Joannette, Lafond e Lecours (1995), a dificuldade para compreender a linguagem dos outros, encontrar o nome das coisas, produzir sua própria linguagem, organizar o conjunto dos comandos motores responsáveis pela boa articulação das palavras constituem alguns dos sinais possíveis desse tipo de acometimento.

Certos sintomas ou sinais vão se fazer presentes, ou não, dependendo do local da lesão da região cerebral acometida.

2.1.2 Classificações e concepções

O estudo do cérebro e da sua relação com a linguagem teve início com Joseph Gall (GANDOLFO, 2006). Este neuroanatomista alemão defendeu a idéia de que as diferentes características e os diversos traços da personalidade têm por sede uma parte bem definida do córtex cerebral. Daí, decorreu uma vasta pesquisa envolvendo as localizações cerebrais que, mais tarde, foi chamada de frenologia e, posteriormente, afasiologia.

Paul Broca, um dos estudiosos mais conhecidos sobre o assunto, realizou também diversos estudos acerca do estabelecimento da relação entre a localização da lesão e a perda da linguagem. Para o autor, somente a linguagem articulada, isto é, a faculdade de produzir movimentos próprios de expressão oral, é localizada no hemisfério esquerdo. Tanto a compreensão da linguagem falada quanto a atitude geral para utilizar símbolos e estabelecer uma relação de sentido entre significado e significante dependem igualmente de ambos os hemisférios (LEBRUN, 1983).

Posteriormente, Carl Wernicke descreveu um caso de desordem severa de compreensão, embora a linguagem expressiva permanecesse inalterada. Mostrou que, assim como uma lesão unilateral anterior é suficiente para perturbar a

expressão oral, uma lesão do mesmo lado, situada posteriormente no hemisfério, causa freqüentes problemas de compreensão da linguagem falada. Estes problemas são associados a uma linguagem fluente, mas aberrante, sendo que o doente erra ao usar palavras ou sons (LEBRUN, 1983).

E, de acordo com Ortiz (2005), algum tempo depois, Exner antecipou, pela primeira vez, a idéia de localização da função da escrita, baseando-se na revisão de 169 casos clínicos publicados na época.

Esses estudos iniciais enfatizaram o modelo de linguagem conhecido por visão anatômica ou localizacionista das funções cerebrais, o qual postula que cada área do cérebro é responsável por uma função (ORTIZ, 2005).

A teoria localizacionista da afasia sofreu duras críticas devido à visão estrita ao tratar da linguagem. Para Kussmaul (1877 *apud* RAPP, 2003, p. 20), por exemplo, o córtex cerebral, como um todo, é responsável pela linguagem, e todas as tentativas de precisar a sede da linguagem em alguma das circunvoluções cerebrais são vistas como ingênuas e risíveis. Segundo ele, as lesões específicas do cérebro podem provocar distúrbios da linguagem, mas que isso não autoriza a conclusão de que a linguagem esteja inserida naquele ponto cerebral.

A influência de regiões situadas fora do cerne Wernicke/ Broca na linguagem se dá de maneira direta, no processamento dos elementos lingüísticos; ou indiretamente, por meio de uma outra função cognitiva que pode interferir na linguagem (MENDONÇA, 2005).

Jackson propôs outra concepção de funcionamento cerebral, criticando tanto o localizacionismo – os chamados centros da linguagem – como a “faculdade” para a linguagem, postulando, assim, uma visão do cérebro como um órgão em movimento (GANDOLFO, 2006, p.38).

Assim, a concepção localizacionista do cérebro perdeu a predominância nos estudos sobre o cérebro. Após o surgimento da visão de Freud acerca das patologias da linguagem, que teve e ainda tem grande importância para os estudos da afasia, o funcionamento cerebral já não podia se basear nas premissas que constituem o paradigma localizacionista. Freud criticou e colocou em questão o caráter organicista da Neurologia.

O autor concebia a região cortical da linguagem como uma área contínua do córtex, onde se efetuam as associações e as transferências sobre as quais

repousam as funções da linguagem de maneira tão complexa que desafia a nossa compreensão (FREUD, 1977 *apud* GANDOLFO, 2006).

A partir daí, surge a teoria holística, representada, principalmente, por Goldstein (1950). Para esta teoria, o cérebro é um todo indivisível, descartando-se qualquer possibilidade de localização das faculdades mentais. Estes estudos focalizam muito mais a descrição psíquica e mental causada pela lesão dentro de um contexto cognitivo (abrangendo memória, linguagem, percepção) do que aspectos neurofisiológicos (GANDOLFO, 2006, p.47).

Trabalhos mais recentes defendem que a linguagem faz parte de um sistema cognitivo complexo, e não se encontra na dependência de uma região circunscrita do córtex cerebral (SANTANA, 2002). Postulam, ainda, que regiões distintas e localizadas no cérebro realizam operações elementares e as faculdades mais elaboradas são propiciadas pelas conexões em série e em paralelo de diversas regiões cerebrais.

Dentre esses trabalhos, destacam-se os estudos de Luria, que apresenta uma concepção de funcionamento cerebral que parte do princípio de que o cérebro funciona dinamicamente através do trabalho conjunto de várias zonas, o que contribui para a realização das atividades cognitivas. Apresentava uma concepção plástica sobre o funcionamento cerebral.

Para Luria (1977), a afasia seria um problema de ordem central e teria como conseqüências alterações diferentes em diversas modalidades de linguagem, ainda que todas possam estar alteradas. Acreditava que todos os processos mentais, como percepção e memorização, gnosia e praxia, linguagem e pensamento, escrita, leitura e aritmética, não podem ser considerados faculdades isoladas nem divisíveis, tampouco se pode supor que sejam funções diretas de grupos limitados de células ou que estejam localizados em áreas particulares do cérebro (ORTIZ, 2005).

Ainda sobre as diferentes classificações da afasia, surge com Jakobson (1975) a concepção do ponto de vista da Lingüística, baseada na classificação neuropsicológica proposta por Luria. Para o autor, os distúrbios da fala podem afetar, em graus diversos, a capacidade que o indivíduo tem de combinar e selecionar as unidades lingüísticas e, de fato, a questão de saber qual das duas operações (expressão e compreensão), é principalmente afetada se revela ser de primordial importância para a descrição, análise e classificação das diferentes formas de afasia.

Assim, de acordo com Jakobson (1975, p.34), para estudar de modo adequado qualquer ruptura nas comunicações, devemos, primeiro, compreender a natureza e a estrutura, de modo particular, da comunicação que cessou de funcionar. A Lingüística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.

Com os estudos da Lingüística, surge a Neurolingüística que leva em conta não apenas a pesquisa lingüística, como também processos de avaliação e diagnósticos das patologias da linguagem.

Segundo Lebrun (1983), a abordagem neurolingüística não considera os déficits verbais como idioletos que se desviam de uma norma e que são estudados isoladamente. Ao contrário, ela se esforça em descobrir a patogenia desses déficits e em explicar o comportamento verbal do doente.

Para Caplan (1987 *apud* Morato 2006, p.143), a Neurolingüística é o estudo das relações entre cérebro e linguagem, com enfoque no campo das patologias cerebrais, cuja investigação relaciona determinadas estruturas do cérebro com distúrbios ou aspectos específicos da linguagem.

Ainda de acordo com Morato (2006, p. 146) acerca dos domínios de interesse da moderna Neurolingüística:

Um dos seus campos é justamente o estudo dos processos alternativos de significação (verbal e não-verbal) levados em conta por sujeitos afetados por patologias cerebrais, cognitivas ou sensoriais. Aqui, o objetivo está dirigido tanto para a discussão sobre a maneira pela qual se caracteriza, avalia ou diagnostica os dados lingüístico-cognitivos no terreno da clínica, quanto para a teorização lingüística, de uma maneira geral (estudos sobre os recursos expressivos utilizados pelo falante, estudos sobre a inter-relação dos vários níveis lingüísticos que constituem a língua do ponto de vista funcional, estudo das relações – formais, discursivas, neuropsicológicas – entre a linguagem oral e escrita).

2.1.3 O afásico e as afasias

Apesar das várias classificações e concepções, há certa concordância sobre a existência de dois tipos principais de afasia: a afasia de expressão, ou motora, e a afasia de recepção, ou sensorial.

Na afasia motora, também chamada de afasia de Broca, o paciente tem dificuldade em articular as palavras, mesmo podendo entender a linguagem ouvida ou lida. Pessoas com esse tipo de afasia têm dificuldade em dizer qualquer coisa, fazendo pausas para procurar a palavra certa (anomia). A característica típica da afasia de Broca é a fala telegráfica, onde se empregam, principalmente, palavras de conteúdo (substantivos, verbos, adjetivos), já as palavras de funções estritamente gramaticais, como por exemplo, as conjunções, preposições, pronomes e artigos desaparecem. Há, ainda, pacientes que não possuem fala alguma. A compreensão da fala e da escrita, apesar de menos comprometida que a expressão, raramente será completamente normal. Geralmente, o paciente com lesão nessa área consegue se comunicar por gestos. Esse tipo de afasia é resultado de lesões sobre a região lateral inferior do lobo frontal esquerdo, a área de Broca, no hemisfério cerebral dominante.

A afasia de compreensão, ou afasia de Wernicke, atinge uma região cortical posterior em torno da ponta do sulco de Sylvius, do lado esquerdo. Estão comprometidas tanto a compreensão como a expressão, embora não haja dificuldade na articulação das palavras. A entonação, a fluência e a prosódia também se apresentam praticamente sem falhas. Porém, os pacientes emitem respostas sem sentido e não conseguem demonstrar compreensão através de gestos. Eventualmente, a articulação da fala pode não ser fluente e, neste caso, a hesitação aparece em trechos que contêm o conteúdo semântico do enunciado, comprometendo a comunicação. A leitura é sem compreensão e a escrita é sem sentido.

A organização da fala do sujeito afásico, então, vai ser, em geral, reduzida e simplificada ao máximo, ou desviada semântica, fonêmica e morfológicamente da linguagem normal. As estereotipias também vão ser freqüentes. São os chamados automatismos, isto é, fórmulas fixas que podem não ter nenhum sentido e nenhuma significação lingüística. Tão presentes quanto as estereotipias estão os agramatismos, as perseverações, os neologismos e a supressão caracterizada pela ausência total de uma emissão oral.

Na escrita, é possível evidenciar alterações graves com supressão ou estereotipias, podendo evoluir da fase aguda para redução, agramatismo e paragrafias, e ser literais ou grafêmicas. Podem aparecer também as mesmas

características encontradas no discurso oral (anomias, discurso “evasivo”). A compreensão gráfica também pode estar comprometida (ORTIZ, 2005).

Morato (2006, p.155) acrescenta algumas características do afásico ainda do ponto de vista lingüístico (língua oral e escrita):

Pode acontecer de faltar-lhes as palavras de maneira importante (anomias, dificuldades de selecionar ou evocar palavras), o que resulta muitas vezes em substituições ou trocas inesperadas e incompreensíveis de palavras inteiras ou de parte delas, longas pausas, hesitações, muitas vezes seguidas de desalentado abandono do turno da fala ou do tópico conversacional, bem como a perda do “fio da meada”; pode acontecer de sua fala resultar muito laboriosa ou ter um aspecto “telegráfico”. Pode acontecer ainda de o sujeito afásico apresentar dificuldade para objetivar ou “controlar” os sentidos e a forma de expressá-los, tendo em vista os contextos e as regras (pragmáticas, socioculturais) que presidem a utilização da linguagem.

Portanto, nas afasias ocorrem tanto alterações de linguagem oral quanto de escrita. Não porque a escrita seja uma derivação da fala, e sim porque as modalidades de linguagem estão relacionadas entre si. Conseqüentemente, nas afasias ocorreriam mudanças tanto na relação entre a oralidade e a escrita quanto na relação do próprio sujeito com sua escrita, em particular, e com a linguagem, em geral (SANTANA, 2002).

De acordo com Vieira (2006), a dificuldade lingüística que se impõe ao paciente nos quadros afásicos se apresenta de forma tal que modifica a posição do sujeito em relação ao mundo, à vida – aparece como um vazio, um vazio que se traduz em sofrimento.

Dessa maneira, além das questões que envolvem a dificuldade em se comunicar, é importante levar em consideração, ao lidar com o afásico, como nos lembra Coudry (2001), que as enunciações defeituosas são feitas por um ser humano com um cérebro em sofrimento, um estranhamento de si próprio. É provável que tenha outras seqüelas com as quais tenha que aprender a lidar, como paresias ou dificuldades de natureza gnósica, que podem impedi-lo de perceber, de reconhecer como está falando. Enfim, o sujeito não está “apenas” diante de um distúrbio de linguagem, está, inclusive, diante de um problema social.

2.2 Fala e Escrita

Como pôde ser visto no capítulo anterior, o sujeito afásico pode apresentar dificuldades em vários aspectos da linguagem. É necessário, dessa forma, um estudo acerca dos elementos lingüísticos, para um melhor entendimento da problemática desta pesquisa em que será dado destaque à atividade de escrita em sua relação com a oralidade em um sujeito afásico com dificuldades expressivas.

Mansur e Machado (2004) concordam que a afasia é um tema fundamental para a neurolingüística, pois fornece elementos para estudos teóricos da linguagem, no âmbito da lingüística e das neurociências.

Jakobson (1975, p.34) acrescenta que se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem.

A linguagem utiliza diversos elementos (orais, verbais e gráficos) para a comunicação humana, dessa maneira, deve ser estudada considerando-se seus diferentes níveis e modalidades.

2.2.1 A visão dicotômica

A maior parte das pesquisas desenvolvidas em meados do século XX teve como objeto de estudo a língua falada e, quando fazia referência à escrita, esta era considerada independente da fala. Desse modo, ignorando a inter-relação que existe entre as duas faces da linguagem, tornava-se difícil mostrar, com adequação, as implicações existentes entre ambas (TASCA, 2002).

Assim, a relação fala e escrita, durante muito tempo, era tida considerando-se as diferenças existentes entre elas. De acordo com Marcuschi (2005), para alguns autores, como Jack Goody (1977), David Olson (1977), Walter Ong (1998), entre outros, a humanidade se dividiu em dois períodos: antes e depois da escrita. Suas idéias e muitas outras ficaram conhecidas como a “grande divisão”.

Tradicionalmente, criou-se essa divisão ilusória acerca dos elementos funcionais da língua, cujos principais representantes são Bernstein (1971), Labov (1972), Halliday (1985) e Ochs (1979).

Durante esse período, poucos se dedicavam aos estudos da relação fala e escrita. Quem trabalhava o texto falado, raramente analisava o escrito, o mesmo acontecendo com quem se dedicava à análise do texto escrito (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005)

Essa abordagem refere-se à análise das relações entre as duas modalidades de uso da língua e percebe, sobretudo, as diferenças na *perspectiva da dicotomia*. Divide a língua falada e a língua escrita em dois blocos distintos, atribuindo-lhes propriedades típicas. Esta perspectiva volta-se para uma análise do código e permanece na imanência do fato lingüístico (MARCUSCHI, 2007, p.27)

A partir dessa visão, algumas dicotomias foram criadas, promovendo o distanciamento entre as representações da língua, sendo a fala sempre vista sob o ponto de vista da escrita com separação entre forma e conteúdo, separação entre língua e uso, e tomando a língua como sistema de regras.

A escrita era considerada pela maioria dos estudiosos como estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, e a fala era tida como concreta, contextual e estruturalmente simples. Marcuschi e Dionísio (2005) vêem essa visão distorcida como dicotomias perigosas, no que diz respeito à fala como contextualizada, implícita, concreta, redundante, não-planejada, imprecisa e fragmentária, e a escrita descontextualizada, explícita, abstrata, condensada, planejada, precisa e integrada.

Em relação a essa “supergeneralização” da fala e da escrita, Biber (1988), importante estudioso do assunto, afirma que essas características pontuadas não descrevem adequadamente os detalhes da relação entre a fala e a escrita, já que nenhuma delas é verdadeira para todos os gêneros textuais das modalidades da língua, e algumas não parecem adequadas.

De uma maneira geral, essa polarização não é fundada na natureza das condições empíricas de uso da língua, parecendo mais de natureza ideológica e formal, com visões distorcidas do próprio fenômeno textual na oralidade e na escrita.

Mas, além dessa visão dicotômica restrita até chegar à perspectiva sociointeracionista, aporte teórico para a análise deste trabalho, houve outras tendências de tratamento acerca dessa questão que merecem ser explicitadas.

2.2.2 Outras tendências da fala e escrita

A tendência fenomenológica de caráter culturalista observa muito mais a natureza das práticas da oralidade *versus* escrita e faz análises, sobretudo, de cunho cognitivo, antropológico ou social e desenvolve uma fenomenologia da escrita e seus efeitos na forma de organização e produção de conhecimento. Segundo Marcuschi (2007, p.28), essa visão não serve para tratar relações lingüísticas, já que vê a questão em sua estrutura macro (visão global) e com tendência a uma análise da formação da mentalidade dentro das atividades psico-socioeconômico-culturais de um modo amplo.

A perspectiva variacionista, segundo Marcuschi (2007), trata do papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais e faz propostas específicas a respeito do tratamento da variação na relação entre padrão e não-padrão lingüístico nos contextos de ensino formal. Neste paradigma, não se fazem distinções dicotômicas ou caracterizações estanques, verifica-se a preocupação com regularidades e variações. Os autores que se situam nessa perspectiva são Bortoni (1992), Kleiman (1995) e Soares (1986).

2.2.3 A perspectiva sociointeracionista proposta por Marcuschi

Os trabalhos realizados na clínica fonoaudiológica que se voltam para os aspectos relacionados à fala e escrita, em sua maioria, respaldam-se, ainda, na visão antiga da lingüística, em que a fala e a escrita eram vistas como pólos dicotômicos.

Desde os primeiros estudos sobre a afasia, a oralidade ocupa um lugar de destaque em relação à escrita, sendo esta vista apenas como simulacro da fala culta. Isso ocorria devido à concepção que se tem da escrita como representação da oralidade (SANTANA, 2002, p. 24).

Segundo Macedo (2005), ao investigar sujeitos com alteração de capacidades lingüísticas que se manifestam tanto na modalidade oral quanto na escrita, este princípio de primazia fica completamente deslocado. Isso porque, muitas vezes, nos deparamos com uma preservação maior de uma das modalidades. A relação destas duas modalidades de linguagem está sempre presente, de tal forma, que é difícil

saber em que momento uma termina para a outra começar (neste caso, temos uma relação em que não se percebem rupturas).

Mas, Marcuschi (2007) postula que a escrita não pode ser tida como uma representação da fala. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia, graficamente representados.

Concordando com Marcuschi (2007) no que foi dito anteriormente, Barros (2006, p.74) afirma que a escrita não transcreve apenas a fala em outra substância de expressão. Ela utiliza recursos diferentes da fala para expressar, e de modo diferente, conteúdos que a fala exprime pela sonoridade da expressão.

Marcuschi (2007), em cuja abordagem teórico-metodológica se baseia esta pesquisa, postula que mais do que uma simples mudança de perspectiva, essa nova visão de fala e escrita, a perspectiva sociointeracionista, representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais.

Tomando como base Koch & Oesterreicher (1990), Marcuschi (1995) afirma que é impossível investigar os fenômenos da oralidade e da escrita dessa forma, ou seja, lançando um olhar fragmentado, já que, tanto a fala quanto a escrita seguem o mesmo sistema lingüístico, embora com um uso diferenciado das condições contextuais de produção textual. De acordo com o autor, as relações entre oralidade e escrita se dão numa gradação perpassada pelos gêneros textuais, e não na observação dicotômica de características polares.

Essa visão destaca que tanto a fala quanto a escrita acontecem em um *continuum* de variações, sem anular as diferenças, procurando localizá-las ao longo de dois contínuos sobrepostos. Isso equivale a dizer que tanto a fala como a escrita variam.

O que o autor defende não é uma noção de contínuo como “continuidade” ou linearidade de características, mas como uma relação escalar ou gradual em que uma série de elementos se interpenetram, seja em termos de função social, potencial cognitivo, práticas comunicativas, contextos sociais, níveis de organização,

seleção de formas, estilos, estratégias de formulação, aspectos constitutivos, formas de manifestação e assim por diante.

Uma explicitação exposta por Marcuschi (2007, p. 42) da hipótese aqui defendida e que contempla a relação fala e escrita numa visão não-dicotômica sob o ponto de vista sócio-interacional é assim formulada:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

Para Bakhtin (2000), a língua é posta em prática por seus falantes, por meio de enunciados orais e escritos. Esses enunciados, que envolvem tema, estilo e composição, ao serem elaborados em cada esfera social, constituem os gêneros discursivos. As atividades humanas são inúmeras e diversos são os gêneros discursivos, que têm formas fixas, mas alteráveis, justamente porque as atividades comunicativas humanas se repetem, tornando algumas formas lingüísticas cristalizadas, alterando-se em função de seus objetivos e da interlocução, provocando mudanças nos gêneros discursivos.

Segundo Marcuschi (2001), gênero textual é uma forma textual concretamente realizada e encontrada como texto empírico, materializado. O gênero tem existência concreta expressa em designações diversas, constituindo, em princípio, conjuntos abertos. São formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas. Distribuem-se tanto pela oralidade como pela escrita.

Mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, como por exemplo os novos gêneros textuais advindos dos textos digitais (MARCUSCHI, 2002).

Ainda de acordo com o autor, os gêneros textuais caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas

peculiaridades lingüísticas e estruturais (não subestimando a questão da forma, já que em muitos casos são as formas que determinam o gênero).

Em resumo, os gêneros são textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Assim, a relevância da investigação dos gêneros textuais apóia-se no fato de eles serem usados pelos participantes da comunicação lingüística como parte integrante de seu conhecimento comum (GÜLICH,1986 *apud* MARCUSCHI, 1998). Não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas.

Essa perspectiva sociointeracionista, defendida por Marcuschi, e que, como já foi mencionado, será adotada para esta pesquisa, tem a vantagem de perceber com maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala.

Esta visão orienta-se numa linha discursiva e interpretativa, que se preocupa com os processos de produção de sentido, tomando-os sempre como situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais. Não toma as categorias lingüísticas como dadas *a priori*, mas como construídas interativamente e sensíveis aos fatos culturais. Preocupa-se com a análise dos gêneros textuais e seus usos em sociedade.

Por isso, é importante que se conheçam as vantagens e facilidades de cada uma das modalidades da língua na construção da comunicação, evitando, com isso, a preferência de uma em detrimento de outra e, conseqüentemente, uma análise baseada numa visão dicotômica.

Marcuschi (2007, p.42) ressalta que o sucesso da análise dependerá da concepção de língua que norteia a perspectiva teórica, bem como da idéia de *funcionamento de língua*. O autor, e o trabalho aqui defendido, parte da noção de funcionamento de língua como fruto também das *condições de produção*, ou seja, da atividade de produtores/receptores de textos situados em contextos reais e submetidos a decisões que seguem estratégias nem sempre dependentes apenas do *sistema lingüístico*. A língua, nesse caso, se realiza como um fenômeno *heterogêneo* (com múltiplas formas de manifestação), *variável* (dinâmico, suscetível a mudanças), *histórico e social* (fruto de práticas sociais e históricas), *indeterminado*

sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como *texto e discurso*.

O autor acrescenta que os sentidos e as respectivas formas de organização lingüística de textos se dão no uso da língua como atividade situada. Isto se dá na mesma medida, tanto no caso da fala como da escrita. Nas duas modalidades, tem-se a contextualização como necessária para a produção e a recepção, ou seja, para o funcionamento pleno da língua.

Assim, tendo como pressuposto essa noção de língua e funcionamento da língua supõem-se que as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva de *uso* e não de *sistema*.

De acordo com Marcuschi (2007, p.25), a fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade¹), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

E a modalidade escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros. Situa-se no plano dos letramentos².

O autor exemplifica o caso da linguagem de sinais que constitui adequadamente um tipo de fala, muito embora não se verifique o componente sonoro como decisivo para que ocorra a comunicação.

No caso do sujeito afásico em questão, apesar de também não conseguir articular os sons da fala, transmite o quer dizer através de sinais gráficos e gestos, e esses elementos constituem modos diversos de representar a língua.

¹ A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2007, p.25).

² Segundo Marcuschi (2007, p.25), entende-se por letramento as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima até uma apropriação profunda. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita.

Dessa maneira, os termos, *fala* e *escrita*, passam a ser usados para designar formas e atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código. Trata-se muito mais de processos e eventos do que produtos.

O contexto cultural exerce forte influência sobre o papel da escrita, o que desenfatura a diferença entre fala e escrita, sendo “ambos mais similares do que diferentes no seu aspecto sociológico” (MARCUSCHI, 2001, p.32).

Ainda em consonância com o autor citado anteriormente, todo sentido é situado e todo uso lingüístico é sempre contextualizado. O autor concorda com as posições de Bledsoe e Robey (1993) de que a escrita é um meio de grande potencial social na interação, mas os diversos usos sociais da escrita são culturalmente delimitados ou realçados na diferentes sociedades.

As duas modalidades descritas possuem, então, igual importância no processo comunicativo, devendo ser levadas em consideração da mesma forma.

É impossível detectar certos fenômenos formais diferenciais entre a oralidade e a escrita que sejam exclusivos da escrita ou da fala. Todos os parâmetros lingüísticos são relativos e podem, em algum momento, aparecer em ambas. Não existe alguma característica ou algum traço lingüístico na fala ou na escrita (uma forma lingüística) que possa marcar com absoluta segurança a delimitação entre as duas modalidades (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005, p.18).

Mas, como a fala tem suas estratégias preferenciais e a escrita também, podemos, com alguma facilidade, identificar cada uma de maneira bastante clara. Por exemplo, as características mais salientes da oralidade são os marcadores (bom; como?; né?; então), repetições; enunciados que iniciam e não concluem; pausas breves marcadas pelos três pontinhos, e assim por diante. A escrita não apresenta, em geral, marcas desse tipo.

A atividade metaenunciativa, ou seja, a ação discursiva que refere, comenta, ou reporta ao que enuncia, e os comentários que se referem à situação de enunciação são também marcas que aparecem mais freqüentemente na fala que na escrita (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005, p.20)

Sobre essa questão, Barros (2006, p.60) destaca também o tempo, que dá à escrita a possibilidade de reelaborar seu texto diminuindo as marcas – revê-se o que se escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros e hesitações, evitam-se as repetições – e de apresentá-lo como algo acabado. A fala, ao contrário, expõe as marcas deixadas pela formulação e pelas reelaborações, oferecendo sempre pistas

e traços das revisões, das mudanças de encaminhamento, das reformulações, sob a forma de procedimentos de correção, paráfrase, hesitação, repetição, interrupção etc.

Koch (1997) ainda acrescenta que, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em que o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer um rascunho, proceder a revisões, “copidescagem” etc., o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho. Além disso, em situações de interação face a face, o locutor não é o único responsável pela produção do seu discurso: trata-se de uma atividade de co-produção discursiva, visto que os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto.

Dessa forma, afirma Koch, o locutor, freqüentemente, vê-se obrigado a “sacrificar” a sintaxe em favor das necessidades da interação, fato que se traduz pela presença, no texto falado, de falsos começos, anacolutos, orações truncadas etc., bem como a recorrer com freqüência a inserções de vários tipos, a repetições e a paráfrases, com o intuito, entre outros, de garantir a compreensão de seus enunciados pelo parceiro.

Assim, Koch relaciona essas estratégias características da conversação utilizadas pelos interlocutores com as máximas de Grice, quando este diz que:

- 1) Se perceber que o parceiro já compreendeu o que você pretendia comunicar, a continuação de sua fala, na maioria das situações, se torna desnecessária;
- 2) logo que percebe que o ouvinte não o está entendendo, suspenda o fluxo da informação, repita, mude o planejamento ou introduza uma explicação;
- 3) ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na seqüência.

Então, segundo a autora, essas estratégias são responsáveis pela “descontinuidade” que tem sido apontada como característica da língua falada, ou seja, pela aparente “desestruturação” do texto falado.

Macedo (2005) aponta que, ao se considerar que fala e escrita estão num *continuum* estabelecido dialogicamente nas atividades humanas, pode-se compreender por que o sujeito afásico, muitas vezes, utiliza-se da fala para organizar a escrita e, em outros momentos, vale-se do processo inverso: usa a escrita como *prompting* para sua fala, a escrita no “lugar” da fala. Tal compreensão pode mudar o desempenho do sujeito em sua escrita.

E no caso do paciente afásico com dificuldades expressivas, selecionado para esta pesquisa, a escrita funciona ainda como outra forma de mediação para a comunicação, ou seja, uma alternativa comunicativa, já que este se encontra aparentemente privado da oralidade para se fazer entender, fazendo uso, dessa maneira, de várias estratégias características da língua falada em seu texto escrito.

Por isso, como destaca Gnerre (2003), repensar a riqueza da oralidade implica repensar todo o mundo grafocêntrico, e, como resultado dessa reflexão, será dado um novo espaço à criatividade da oralidade, proporcionando resultados na criatividade escrita, cujos produtos podem circular e produzir mais criatividade e maior confiança dos indivíduos na expressão dos seus próprios pensamentos.

2.3 Intervenção da Fonoaudiologia nos aspectos relacionados à fala e escrita

De acordo com os estudos lingüísticos abordados anteriormente neste trabalho, ainda que não se possa pensar a linguagem oral e escrita como atividades dissociadas, opostas, uma grande maioria dos testes e programas de reabilitação de afasia continua a propor uma avaliação fragmentada das funções lingüísticas.

Como consta nos estudos de Santana (2002, p.16) acerca da escrita na afasia, a avaliação escrita realizada na intervenção fonoaudiológica dos afásicos não é apenas completamente dissociada da linguagem oral como também é isolada em sua própria configuração. Tem-se, com isso, uma avaliação puramente psicofisiológica e cognitiva dos processos de leitura e de escrita.

Durante esse processo de avaliação e reabilitação, os exercícios sugeridos são fundados na escrita com um forte compromisso escolar, salientando-se escolar do tipo mais tradicional possível. É considerado, inclusive, entre os “erros”, qualquer recurso compensatório que o paciente utilize para solução de sua dificuldade. Quando o examinador se preocupa com a correção das dificuldades, ele se serve dos testes para exercícios mecânicos que incidem somente sobre os sintomas. Dessa maneira, o valor recolhido dos testes diz respeito à descrição do objeto “afasia” e não os processos reconstitutivos em que se envolve o afásico (COUDRY, 2001).

Sacks (2006, p. 202), em sua posição de neurologista, destaca sabiamente:

Nossos testes, nossas técnicas, nossas “avaliações” são ridiculamente inadequados. Só nos mostram déficits, não capacidades; mostram apenas problemas para resolver e esquemas, quando precisamos ver música, narrativa, brincadeira, um ser conduzindo-se espontaneamente em seu próprio modo natural.

Segundo Santana (2002), na prática clínica, quando se encontra um “erro”, dificilmente faz-se relação com as hipóteses do sujeito sobre a língua ou sobre a influência da fala sobre esta. Ao contrário, os “erros” são vistos como um desvio, uma pontuação negativa que afasta o sujeito da linguagem adequada.

De acordo com Flosi (2003), o papel de quem avalia seguindo a abordagem tradicional não é de um interlocutor, e o sujeito avaliado vem a reboque dessa inadequação. Trata-se aí de uma idealização equivocada do que seja exercer o papel de sujeito da linguagem fora dos parâmetros da interação, o que certamente contribui para o sujeito se apresentar como muito mais afásico do que na realidade é.

Dessa maneira, o avaliador acaba por ter um papel definido: caracterizar os desvios e propor ajustes e/ou compensações. O fato é que os procedimentos avaliativos comumente têm estabelecido como “normal” um falante ideal e um escritor e leitor também ideais. Os testes têm como base a norma-padrão do português (falado e escrito) e não levam em conta nem as diferenças socioculturais nem tampouco a relação de cada sujeito com a sua linguagem (SANTANA, 2002).

Na clínica fonoaudiológica ocorre a mesma problemática existente no contexto escolar apontado por Cavalcante e Marcuschi (2005), em que o objetivo maior do aluno/*paciente*, ao produzir um texto, parece ser “acertar” o que lhe foi proposto para, assim, agradar o professor/*terapeuta*, tendo em vista obter sua simpatia, sua adesão como leitor-autoridade e, com isso, uma avaliação favorável.

Então, o que é importante frisar é que não se pode observar um texto em si e isolado de seu contexto sociocomunicativo, já que todo texto é um evento comunicativo numa dada prática social de uso da língua.

É necessário, como aponta Neves (2001), considerar a linguagem em funcionamento, ou seja, saber avaliar as relações entre as atividades de falar, de ler e escrever, todas elas práticas discursivas, todas elas usos da língua, nenhuma delas deve ser subestimada em relação a qualquer outra, e cada uma delas

particularmente configurada em cada espaço em que seja posta como objeto de reflexão.

Essa questão das práticas sociais, segundo Santana (2002), tem sido deixada de lado na avaliação e classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias. Nelas, o que conta é pontuar, mensurar o grau de perda, diagnosticar o problema de escrita e de leitura. Faz-se isso sem levar em conta o sujeito na hora do teste, a sua história de leitor ou não leitor, o seu grau de letramento.

No acompanhamento fonoaudiológico norteado por uma abordagem discursiva, as atividades propostas devem ser baseadas no uso da linguagem por seus falantes, nas mais diversas situações e configurações, condição indispensável para a avaliação do funcionamento da linguagem na afasia em vez de se quantificar o déficit, a falha, o erro (FLOSI, 2003).

É importante que se leve em consideração, nesse contexto, que as atividades de escrita e leitura são atividades de uso normal da língua, atividades do dia-a-dia, o que o ritual artificial da proposta na fonoterapia faz esquecer. Dessa forma, deve-se enfatizar, no planejamento das atividades, o caráter social da linguagem, principalmente, na terapia com o afásico com dificuldades expressivas para quem a escrita é a única forma de se expressar.

A escrita é multifuncional para alguns sujeitos, ou seja, num momento o afásico usa a escrita para falar, no outro, usa a escrita no lugar da fala, noutros, ainda, toma a escrita em suas especificidades. Em alguns sujeitos, a escrita apresenta-se mais expandida que a fala; em outros, a fala é mais expandida que a escrita. Não existe uma sobreposição de “problemas” de linguagem. Há, sim, sujeitos que, pelas diferenças de produção da oralidade e da escrita, saem-se melhor numa modalidade que em outra (SANTANA e MACEDO, 2004, p.138).

Uma observação especial deve ser feita em relação àqueles que utilizam mais a escrita que a fala, como é o caso do sujeito selecionado para esta pesquisa.

Segundo Santana (2002), esses sujeitos geralmente comunicam-se pela escrita ou a utilizam para atingir a fala. A escrita, nesse caso, é muitas vezes incompleta, abreviada, pois tão logo o interlocutor apreende o sentido do que o sujeito quer dizer, ou tão logo o sujeito forneça para si próprio um *prompting escrito*³,

³ Segundo Santana (2002, p.91), o *prompting escrito* é a pista escrita, ou seja, é a execução do primeiro gesto da escrita ou das primeiras seqüências de gestos que compõe as primeiras sílabas da

ela é interrompida. A escrita tem, nesse caso, um caráter de “fala informal” (fragmentada, abreviada, incompleta), de mediação com a oralidade, e deve ser analisada como tal.

A “escrita no ar”, que é também bastante utilizada por esses sujeitos, com elevado grau de letramento ou não, funciona com *prompting* para a fala, indica que não só a escrita em si funciona como elo intermediário, mas o gesto da palavra escrita que se pretende falar, a escrita já internalizada pelo sujeito. Assim, essa relação evidencia de que modo ocorre o sistema simbólico de linguagem, um signo (gestual/ escrito) funcionando como mediador de outro signo (falado). Esses episódios indicam os caminhos que os afásicos (alfabetizados) percorrem para alcançar a oralidade, caminhos estes que se caracterizam pela relação estabelecida entre o sujeito e a linguagem escrita em uma sociedade letrada (SANTANA, 2002, p.148).

Diante disso, procura-se, neste trabalho, chamar a atenção do terapeuta da linguagem para levar em consideração essas questões dentro da clínica fonoaudiológica, para enfrentar sua tarefa com maiores opções e preparo, servindo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar.

Em cada contexto, as ênfases e os objetivos do uso da escrita são variados e diversos. Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas (MARCUSCHI, 2007). Seria interessante que o profissional da fonoaudiologia soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e adequação.

A distribuição e os papéis da escrita não são os mesmos em todos os contextos e situações. Na escola, na família ou no trabalho, a escrita tem papéis diferentes e a própria colaboração se manifesta de forma diferenciada (MARCUSCHI, 2001).

Esse parece ser o um ponto fundamental a ser levado em consideração ao se trabalhar com gêneros no âmbito fonoaudiológico, já que, dada sua artificialização, fica difícil recuperar a realidade social própria do gênero.

Cavalcante e Marcuschi (2005) afirmam que a principal força motriz para o reconhecimento de um gênero é sua função sociocomunicativa, e não

palavra requerida, com base na qual o sujeito afásico, ao ler (enquanto escreve), consegue deflagrar a oralidade.

necessariamente seu formato. E necessita da aceitabilidade dos atores envolvidos entre os participantes da interação. As autoras enfatizam que lidar com textos como prática comunicativa envolve aspectos contextuais (social, histórico e cultural) da experiência humana em relação às atividades interativas (funcionamento da linguagem nos espaços sociais) e aspectos sociocognitivos (competência comunicativa), ou seja, o gênero assume sua identidade tomando por base um acordo.

Marcuschi e Dionísio (2005) defendem a necessidade de estudar as questões relacionadas à oralidade como um ponto de partida para entender o funcionamento da escrita. E, tendo em vista essa afirmação, nesta pesquisa, pretende-se fazer com que a estimulação da escrita, como meio possível de se fazer entender, seja uma forma de resgatar a linguagem oral.

Essa discussão atenta para o fato de que o profissional da fonoaudiologia, ao trabalhar com o afásico, se preocupe com a linguagem escrita com maior seriedade e sistematicidade. Não há preocupação alguma em louvar a oralidade diante da escrita nem em aconselhar um ou outro tipo de comunicação como o melhor. Todas as formas de se fazer entender devem ser levadas em consideração. Mas nem todas elas têm a mesma reputação social. Deve-se ter como intenção mostrar que os usos da língua são variados, ricos e podem ser muito criativos.

Assim, através deste estudo, que contará com a análise das características de um paciente afásico com dificuldades expressivas, buscar-se-á focar a importância da escrita no processo de reabilitação na clínica fonoaudiológica, pela identificação e uso de estratégias que poderão contribuir para o planejamento de atividades no restabelecimento da oralidade, vista na sua relação com a escrita.

3 METODOLOGIA E QUESTÕES ACERCA DA ANÁLISE DE DADOS

3.1 Princípios metodológicos

Neste capítulo, é apresentada como foi realizada a análise dos dados lingüísticos de um afásico com dificuldades expressivas, cujas produções ocorreram em situações interativas e atividades em que foram trabalhados diferentes gêneros textuais, durante os encontros realizados no Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

O Grupo de Convivência existe na Universidade Católica há, aproximadamente, um ano e meio, com o objetivo de proporcionar e estimular as práticas discursivas, bem como atuar na identificação e uso de estratégias que visam a contribuir no restabelecimento da linguagem, além de resgatar a convivência em sociedade, visto a exclusão social sofrida por esses sujeitos em decorrência da falta de conhecimento da sociedade acerca das questões relacionadas a essa nova condição que é tornar-se afásico.

Os encontros têm a duração de três horas, quando são realizadas atividades, levando sempre em consideração as práticas lingüísticas, aspecto relevante para o afásico, que apresenta mais dificuldades quando colocado frente a atividades artificiais e fora de contexto.

Fazem parte desses encontros semanais pessoas afásicas e não-afásicas. É sete, o número de afásicos participantes. Na relação das pessoas que não possuem afasia estão alguns familiares ou acompanhantes, duas professoras da Universidade, responsáveis pela coordenação do Grupo (sendo uma psicóloga e a outra fonoaudióloga), quatro alunas da Graduação e três da Pós-Graduação que estão envolvidas em algum tipo de pesquisa com essa população.

Os sujeitos afásicos apresentam diversas faixas etárias, variados graus de escolaridade, níveis sócio-econômico-culturais e seqüela afásica (alguns apresentam um maior grau de acometimento, enquanto outros apresentam um tipo de afasia mais leve). A riqueza do Grupo de Convivência de Afásicos está, justamente, na diversidade e heterogeneidade de seus participantes. Dessa maneira, há sempre uma partilha de conhecimentos e habilidades entre os integrantes.

Os participantes não-afásicos atuam no Grupo ativamente, fazem perguntas, são questionados, mas, na maior parte do tempo, dirigem-se aos afásicos e estimulam uma maior inserção desses sujeitos na conversação.

Os familiares e acompanhantes são conscientes de que aquele espaço pertence ao afásico, deixando-os sempre livres para se expressar. Essa foi uma das recomendações dada pelas organizadoras do Grupo, sabendo que, muitas vezes, as pessoas que convivem com o afásico não têm paciência em escutá-lo nem de esperar que conclua a frase e acabam falando por ele, o que o faz silenciar.

As responsáveis pelas atividades do Grupo (que inclui as duas professoras responsáveis e as alunas da Pós-Graduação, sendo este último, o grupo em que me situo) direcionam as atividades, propondo temas para debates e levando aos encontros diferentes propostas de ação, sem, com isso, deixar que o sujeito afásico esteja alheio às escolhas e decisões que são tomadas no Grupo.

As alunas da Graduação fazem rodízios de forma que apenas uma esteja presente a cada encontro, visto o grande número de pessoas participantes do Grupo. Estão mais na qualidade de observadoras, muito embora participem das conversas e atividades realizadas.

O encontro é subdividido em três partes. No primeiro momento, logo que chegam, os sujeitos relatam fatos ocorridos durante a semana, sejam notícias de jornal e televisão ou acontecimentos ocorridos com eles próprios, a serem compartilhados com o grupo. Em seguida, são realizadas atividades voltadas para a produção escrita (escrita propriamente dita ou desenhos), trabalhadas sempre fazendo sentido para o afásico, afastando-se da forma clássica, abordagem terapêutica mais utilizada na clínica, com caráter estritamente escolar. E, para encerrar, sugere-se uma atividade “descontraída”, na qual são propostos jogos de mímica, adivinhações, dominó, entre outros.

Uma vez por mês, acontece também um encontro com os familiares dos afásicos. O espaço do Grupo permite que os familiares possam expressar melhor suas queixas, dúvidas e demais sentimentos.

Os dados da pesquisa, como mencionado anteriormente, foram obtidos durante esses encontros do Grupo de Convivência de Afásicos, no período de maio a dezembro de 2007, com um intervalo no mês de julho, acompanhando o recesso da Universidade nesse período. Como atividade para o período de recesso, propôs-se um diário, em que os afásicos poderiam registrar os acontecimentos ocorridos

durante o mês em que estivessem afastados e, para estimular a escrita, foram elaboradas algumas questões sobre sua vida pessoal para serem respondidas da forma que desejassem, com colagens, desenhos ou produção escrita.

A metodologia para a coleta de dados corresponde a um acompanhamento longitudinal do caso, o que permite destacar a evolução no resgate da linguagem do sujeito afásico. Foram utilizados procedimentos não-tradicionais, ou seja, levou-se em consideração os usos significativos inseridos nas práticas discursivas.

As produções escritas propostas e realizadas por cada membro do grupo bem como aquelas produzidas individualmente pelo sujeito desta pesquisa com fins comunicativos foram datadas e anexadas aos dados lingüísticos e, posteriormente, digitalizadas para apresentação. Em todos os encontros, o quadro branco, principal instrumento de comunicação do afásico, foi registrado por fotografias em máquina digital⁴.

Em seguida, foi feita a análise de vinte encontros do Grupo, levando em consideração a produção textual desse sujeito, enfocando os gêneros textuais trabalhados durante esse período.

Foi realizada uma análise da linguagem de MA levando em consideração a sua especificidade, em consequência da afasia. Para a partir de então, serem investigadas as marcas de oralidade encontradas em sua produção escrita, e a relação entre dados da oralidade e da escrita presentes no processo de reconstrução de sua linguagem, baseando-se na teoria do *continuum* proposta por Marcuschi (1995).

Assim, a coleta de dados afastou-se das práticas lingüísticas tradicionais, que têm sua abordagem centrada em baterias de testes-padrão, priorizando apenas as atividades metalingüísticas. Um outro motivo que justifica essa escolha metodológica é a possibilidade de demonstrar, por meio da análise qualitativa dos dados do sujeito afásico selecionado para a pesquisa, a relação existente entre as duas modalidades da língua, oralidade e escrita, ao buscar a reconstrução da linguagem de uma maneira geral, quando inserido em situações interativas contextualizadas.

⁴ Apesar de ter conhecimento da importância da captação multimodal, realizada através de videografações, que possibilita o registro do ambiente e do contexto em que a interação ocorre, bem como de detalhes que outras formas de captação não dão conta, não foi possível fazê-lo devido a restrições nos equipamentos técnicos.

3.2 O sujeito MA

Os dados apresentados a seguir referem-se às informações sociolingüísticas do sujeito afásico (a cidade de origem, grau de escolaridade, profissão, idade e inserção social), à história do acometimento cerebral e relação das seqüelas presentes, bem como às suas atividades diárias.

MA tem quarenta e quatro anos, é brasileiro, destro, freqüentou curso superior, mas não o concluiu (Física, na UNICAP); é divorciado, tem uma filha de vinte e um anos e trabalhava como responsável técnico de uma empresa de desinsetização e desratização. No dia vinte e um de julho de dois mil e cinco, aos quarenta e um anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico e, de imediato, foi socorrido, após sentir uma forte dor no peito. De acordo com o laudo da ressonância magnética do encéfalo, há efeito de massa sobre o ventrículo lateral esquerdo e leve desvio das estruturas da linha média para a direita⁵.

Após esse episódio, apresentou bastante dificuldade para se comunicar. Segundo o pai de MA, muitas vezes não era possível compreender o que ele falava, o que o deixava bastante impaciente.

Em agosto deste mesmo ano, MA iniciou acompanhamento fonoaudiológico, que vem sendo realizado até o momento.

Apresenta como seqüela uma afasia de predomínio expressivo com dificuldades práxicas importantes. Assim, apresenta bastante dificuldade ao falar, em grande parte, devido à produção alterada dos movimentos articulatórios. Verificam-se também, algumas dificuldades de ordem compreensiva. Em alguns momentos, apresenta bom desempenho nas atividades, demonstrando que entendeu aquilo que foi dito, embora, em outras situações, apresente visíveis dificuldades, não obtendo êxito em alguma atividade ou na conversação, o que dificulta o processo interativo.

MA tem o hábito de ler jornais, de ouvir música e utilizar o computador para se comunicar e ler notícias. Para se expressar, utiliza quase que exclusivamente a modalidade escrita, expressões faciais e uso de gestos, ou seja, recorre a processos de significação não-verbais para melhor se fazer entender.

⁵ O laudo da tomografia computadorizada não foi encontrado.

A sua escrita encontra-se fragmentada, mas, na maioria das vezes, realiza o acesso lexical e, assim, consegue veicular a intencionalidade para a produção de sentido.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste momento, serão descritos 20 (vinte) encontros do Grupo de Convivência de Afásicos, com uma análise das produções textuais e iniciativas comunicativas de MA, enfocando as marcas de oralidade em sua escrita, com destaque para a relação fala/escrita como ponto fundamental para a reconstrução da linguagem.

4.1 Descrição e análise da produção escrita de MA durante os encontros

1º Encontro (18/05/07)

As atividades deste encontro consistiram, primeiramente, na discussão do livro *Sobre as afasias e os afásicos*, produzido pelos pesquisadores e afásicos que fazem parte do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da Unicamp⁶. O livro aborda aspectos gerais sobre a afasia, questões relativas aos direitos das pessoas afásicas, orientações básicas aos familiares e amigos e apresenta, ainda, um breve histórico do referido Centro de Convivência.

Após a discussão do livro, foram iniciadas as atividades de escrita propostas para o encontro, que consistia, inicialmente, no sorteio dos nomes dos participantes do grupo. A orientação era retirar, de uma sacola, o nome de um componente do grupo, que deveria ser identificado, através de suas características pessoais, em uma folha de papel. Após esse momento, cada um lia o que escreveu e o grupo deveria adivinhar a quem se referia aquela descrição.

MA retirou o nome de MM, uma afásica que também participa do grupo e por quem MA tem grande admiração. Como se pode observar em sua produção escrita (Figura 01), MA descreveu duas características da sua companheira (MAR. 1.50m,

⁶ O Centro de Convivência dos afásicos (CCA), fundado em 1989, em uma ação conjunta do departamento de Lingüística e o de Neurologia, ambos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), fica localizado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). É um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas (professores, pesquisadores, familiares, terapeutas), objetivando proporcionar aos afásicos situações de uso da linguagem e demais rotinas significativas da vida na sociedade (MORATO, 2002).

mulher.)⁷ e ainda mencionou uma característica sua (MA, HOMEM.). Como é possível perceber, uma das coisas que MA quis mostrar foi a diferença de sexo entre ele e MM, ao escrever que MM era mulher e ele, homem.

Na apresentação oral das características, MA, como não conseguiu se expressar oralmente, foi ao quadro e escreveu as mesmas características que tinha escrito no papel e o grupo só conseguiu descobrir de quem se tratava porque a maioria das mulheres participantes do grupo já tinha sido descrita.

Assim, a partir do contexto situacional e da interpretação realizada pelo grupo que participou ativamente do processo de construção do texto, foi possível identificar a quem MA estava se referindo em sua produção.

Esta observação se assemelha àquilo que Koch (1997) menciona sobre o texto falado e as situações de interação face a face, em que o locutor não é o único responsável pela produção do seu discurso. Segundo a autora, trata-se de uma atividade de co-produção discursiva, visto que os interlocutores estão, juntamente, empenhados na produção do texto.

Em sua produção comunicativa MA acrescentou, ainda, a palavra “IRMÃO” sem nenhuma referência ao contexto. É importante enfatizar que a palavra escrita não apresenta contextualização para os interlocutores de MA, mas ele quis, possivelmente, expressar algo aos seus “ouvintes” através daquela palavra, embora não o tenha conseguido.

Por isso é importante que, quando MA escreva algo que, aparentemente, possa não ter relação com o texto, o seu interlocutor estranhe aquela produção e o afásico busque explicar o que significa aquele “fragmento descontextualizado”. O mesmo deve acontecer na clínica. O que ocorre muitas vezes é que, ao se deparar com uma produção estranha ao contexto, o terapeuta ou o interlocutor do afásico, no momento, simplesmente descarte aquilo que ele escreveu e, então, acontece algo semelhante ao que ocorre no processo de aquisição da linguagem da criança que, por não poder [a produção estranha] ser descrita, considerando-se as categorias da língua e, por não poder ser interpretada, vai ser excluída das investigações, num movimento de “higienização dos dados” (FARIA, 2002).

⁷ Os nomes de pessoas escritos por MA, bem como o seu próprio nome foram cobertos com uma tarja preta para preservar a identidade dos envolvidos.

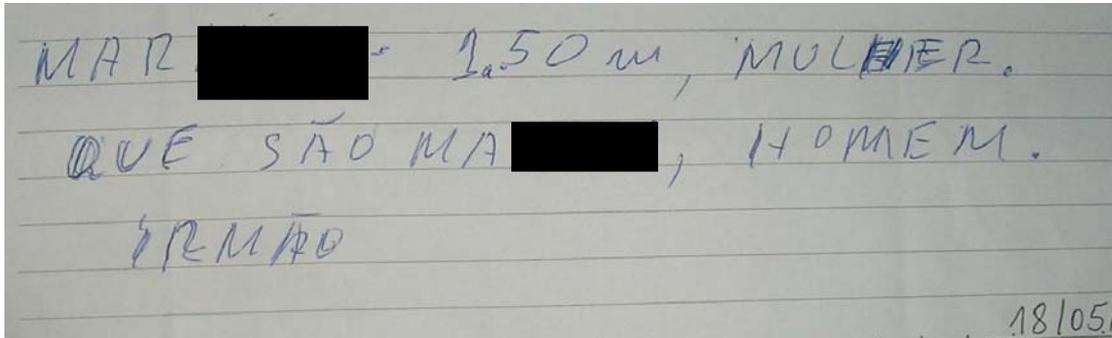


Figura 01 – Gênero textual exposição informativa, em que MA descreveu as características de um participante do grupo.

2º Encontro (25/05/07)

Para esse encontro, estava prevista a atividade de dinâmica de vendas, abordando dados relativos à comunicação oral e escrita. Os sujeitos participantes do grupo teriam que descrever a utilidade e o preço de um determinado objeto e, em seguida, fazer sua apresentação oral, tendo como finalidade vendê-lo de forma fictícia para os outros membros do grupo, procurando convencer a platéia de que o seu objeto era o melhor para ser adquirido.

A dinâmica ocorreu da seguinte forma: os afásicos escreveram em um papel o preço sugerido e as características dos objetos escolhidos e/ou trazidos por cada um deles. Durante a realização da parte escrita, MA foi o que mais apresentou dificuldade para compreender a atividade, não conseguindo realizar o processo de abstração para ela exigido. Somente após exemplificar diversas vezes com os outros participantes do grupo, MA conseguiu entender parte da atividade.

MA levou dois jogos para vender, um dominó e um xadrez. A análise do seu material escrito (Figura 02), reflete a dificuldade enfrentada por ele para compreender a atividade, escrevendo coisas que não condizem com o objetivo em questão, resultando em escrita automática (escreve seu nome duas vezes) e cópia (a palavra jogão que encontra-se na caixa do jogo).

No entanto, após a explicação da atividade, MA escreve o preço dos seus objetos e faz o cálculo final, caso o “cliente” compre os dois ($6,00+9,00=15,00$),

como pode ser observado na Figura 03. Como mencionado, MA cursou Física na Universidade, o que exige grande conhecimento em cálculo. Provavelmente, por esta razão, MA sempre insiste em escrever números e fazer cálculos.

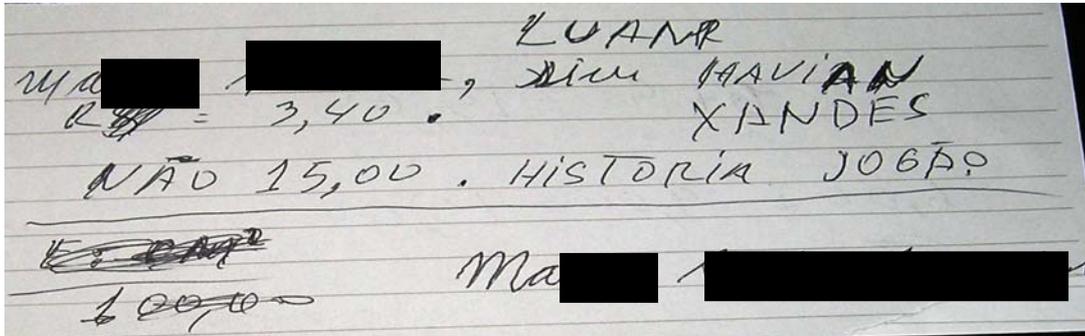


Figura 02 – Produção textual realizada por MA no 2º Encontro em atividade de venda de objetos.

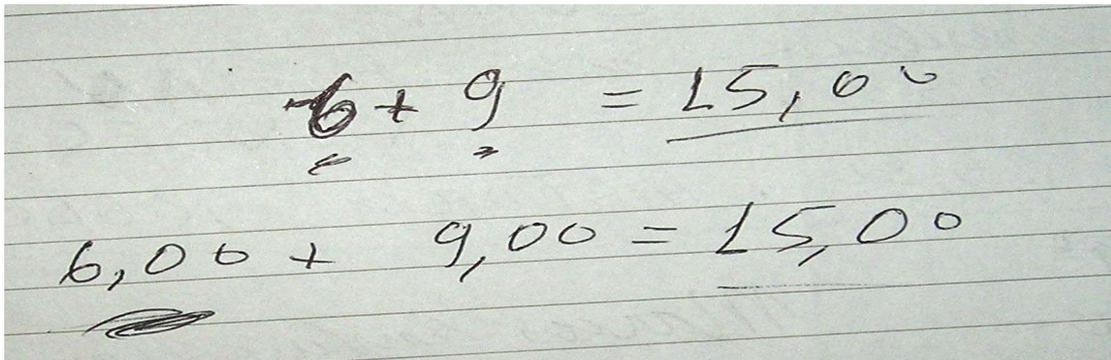


Figura 03 – Produção escrita construída também no 2º Encontro, em que é possível visualizar cálculos realizados por MA.

3º Encontro (01/06/07)

Este encontro teve dois momentos: a continuação da atividade realizada no encontro anterior, que teve como finalidade trabalhar aspectos relacionados ao manejo com dinheiro, na venda de um objeto, e a confecção do convite da festa junina do Grupo.

Foi possível observar que MA, após o AVC, mantém preservada a noção de dinheiro, já que teve sucesso ao fornecer o troco aos seus “clientes”, mesmo quando

questionado ou quando a quantia era muito elevada e o troco deveria ser dado trocado.

Nessa atividade (Figura 04), pode-se observar que MA volta a fazer o cálculo com relação ao valor do dominó, ao escrever que o objeto custa 100,00, ou seja, $20+20+20+20+20$. Inicialmente, ele erra, ao dizer que o objeto custa 80,00, mas depois se corrige. Esse fato é um aspecto claro de marca de oralidade na escrita, pois, na oralidade, cometemos erros e os corrigimos logo em seguida, e, por isso, temos a sensação de que a conversa é desorganizada. Na escrita, temos a tendência a refletir o que vai ser escrito e os erros ocorrem em menor proporção. A mesma situação que acontece na oralidade ocorre na escrita de MA, em que ele se confunde e diz que o dominó custa 80,00, mas após refletir um pouco, risca o número e se corrige.

Sobre este fenômeno, Marcuschi (2003, p.28) acrescenta que, ao escrevermos, dispomos de mais tempo do que na conversação. Podemos voltar atrás corrigindo os equívocos, eliminando passagens supérfluas, refazendo o estilo e polindo o texto. Dessa forma, o leitor só recebe a versão final. Já na conversação, ou seja, na fala, o tempo é real, e tudo o que se fizer é definitivo.

O ato de refletir sobre a própria linguagem refere-se as operações epilingüísticas. Sua ocorrência se dá “quando o sujeito explora recursos de sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos linguísticos, processo este indispensável à construção e reconstrução da linguagem” (COUDRY, 2001, p.15). E, no caso do sujeito afásico, essa atividade tem um valor reconstrutivo na busca de alternativas à resolução de suas dificuldades.

Para o xadrez, que custa 50,00, a “cliente” pede um desconto de 10% e MA faz prontamente o cálculo.

Mais uma vez percebe-se a inclusão de uma palavra descontextualizada (RATOS), confirmando uma dificuldade constante no afásico em se fazer entender. Retoma-se, aqui, a questão da descontextualização na perspectiva do interlocutor, porque para MA, com certeza, aquela palavra tem algum sentido e quer dizer algo.

No trabalho com o gênero textual convite, cada participante fez, individualmente, um tipo de convite com itens que achavam que deveria constar nesse texto, como data, hora, local e outras informações e ilustrações que eles achassem interessantes. Após a produção individual, uma das pesquisadoras foi ao

quadro branco e solicitou que os sujeitos dessem sugestões para que fosse feito um convite único para todo o grupo, a ser entregue aos familiares, seus convidados.

Na produção textual de MA (Figura 05), constam as informações que devem existir no convite: local (sala 710), dia (15) e hora (14:00). O que se percebe é que, apesar de apresentar certa dificuldade ao escrever, MA constrói corretamente o gênero proposto para a atividade, demonstrando conhecimento neste determinado tipo de texto, o que coincide com aquilo que Machado, Berberian e Massi (2007) postulam, ou seja, que conhecer e ser capaz de usar determinado gênero implica reconhecer sua estrutura, prever o conteúdo temático e identificar um estilo familiar.

Através da escrita, ele nos informa, ainda, que na festa vai ter forró, o dia da festa de São João (22/06/07) e aquilo que vai levar para a festa, no caso, dois refrigerantes de 2L e copos descartáveis. Para este último, além da escrita, o afásico faz o desenho do objeto.

Seguem as imagens da escrita de MA (Figura 05) e a do convite final (Figura 06) feito com as idéias sugeridas pelo grupo.

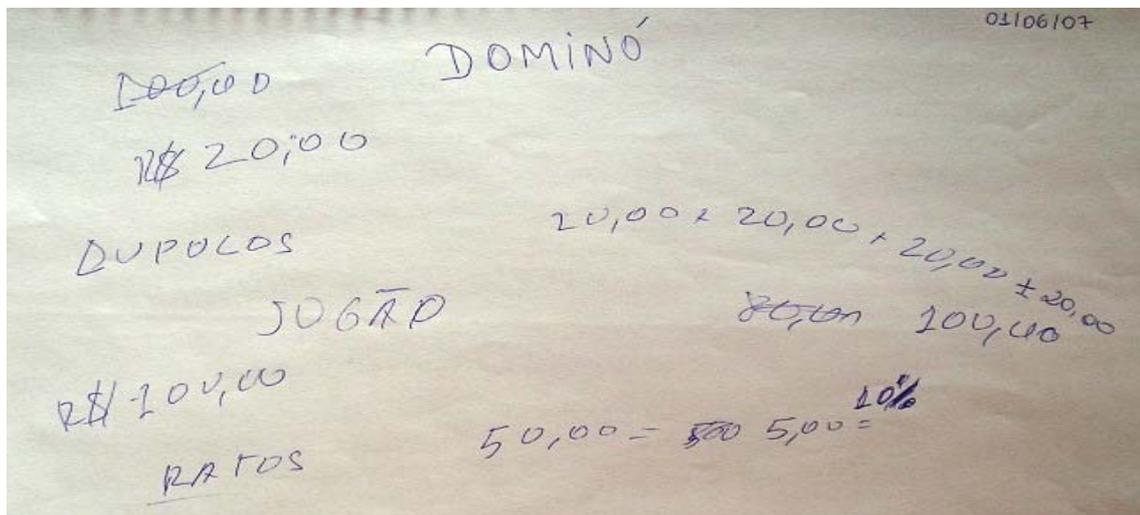


Figura 04 – Produção textual em que MA escreve o preço do seu objeto e faz o cálculo solicitado pela “cliente”

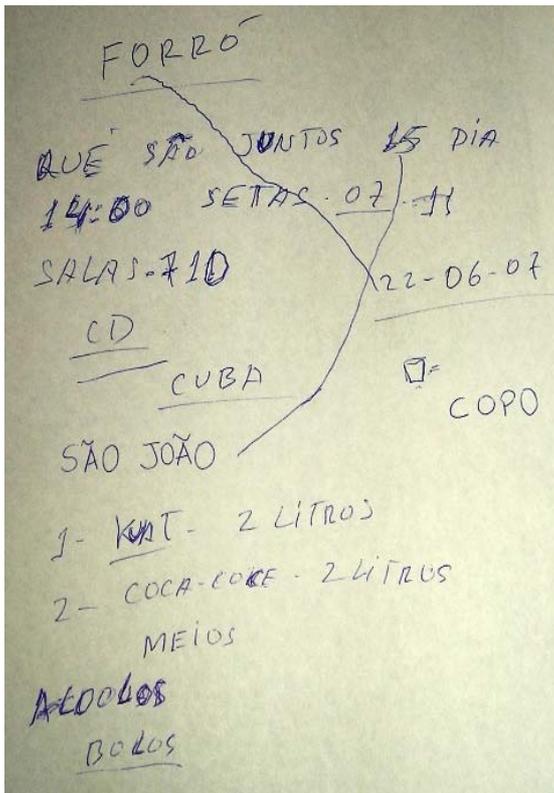


Figura 05 - Gênero textual convite produzido por MA e lista do que iria levar para a festa.



Figura 06 – Convite final com as idéias sugeridas pelo grupo.

4º Encontro (08/06/07)

No 4º encontro, foi elaborado o convite, cuja atividade consistiu na colocação dos nomes das pessoas que gostariam de convidar. Em seguida, foi realizado o trabalho com o gênero receita culinária (Figura 07), para que os afásicos dissessem quais eram as comidas típicas da festa de São João e explicassem como prepará-las. MA ensinou ao grupo como fazer milho cozido, escrevendo no quadro os ingredientes necessários. Ao demonstrar dificuldade, obteve ajuda do grupo para escrever as palavras corretamente. Foi observado na ocasião, que MA sente-se inseguro em relação a sua escrita e, por isso, está sempre perguntando se a palavra está escrita corretamente, fato que o vem prejudicando. A partir do momento em que se insiste na correção da escrita e se exige a forma correta das palavras, está se podendo a criatividade de MA e o inibindo. Porque ele pode até não escrever a palavra da forma mais correta, como também pode acontecer na fala de um afásico

em que a palavra pode não ser articulada corretamente, mas se o interlocutor consegue compreender o sentido daquilo que quer dizer, então a interação ocorreu de forma satisfatória e houve ali uma “conversação”. Mas, como o erro é mais visível e permanente quando escrito em um pedaço de papel, então, vai ser mais “condenado”.

Esta problemática parece estar de acordo com o que Santana (1999 *apud* SANTANA e MACEDO, 2004, p. 140) menciona sobre o discurso institucional que diz: “do jeito que você escreve não é escrita”, o sujeito escrevente, nesse caso, se baseia numa concepção normatizante que impede que ele reconheça suas práticas de escrita como aquilo que elas de fato são: escrita.

Já havia ocorrido outras vezes, também, de os outros participantes questionarem o fato de MA só se comunicar através da escrita e não falar. MM é uma das que mais insistem para que MA, ao invés de escrever tanto, tente falar. Após esses episódios terem se tornando mais recorrentes, foi explicado aos demais participantes do grupo que o ponto fundamental era que MA conseguisse comunicar e expressar o que estava sentindo, independente do recurso que utilizasse para isso.

Assim, foi solicitado aos demais participantes que o deixassem mais livre para escrever sem insistir para que falasse e sem o corrigir tanto.

Em um terceiro momento, foi dado início à confecção da decoração junina, com a produção de bandeirolas para compor a decoração da festa pelos próprios sujeitos afásicos.

Alguns demonstraram insegurança devido à paralisia dos membros superiores, alegaram que as bandeirinhas não ficariam bonitas por causa de suas dificuldades, mas foram encorajados e auxiliados pelo restante do Grupo e conseguiram produzi-las, o que os deixou bastante satisfeitos.

MA é um dos que mais ajuda os outros afásicos que possuem mais dificuldade, é o “fisioterapeuta” do Grupo, porque está sempre fazendo massagens e exercícios semelhantes aos que são realizados nas sessões fisioterápicas.

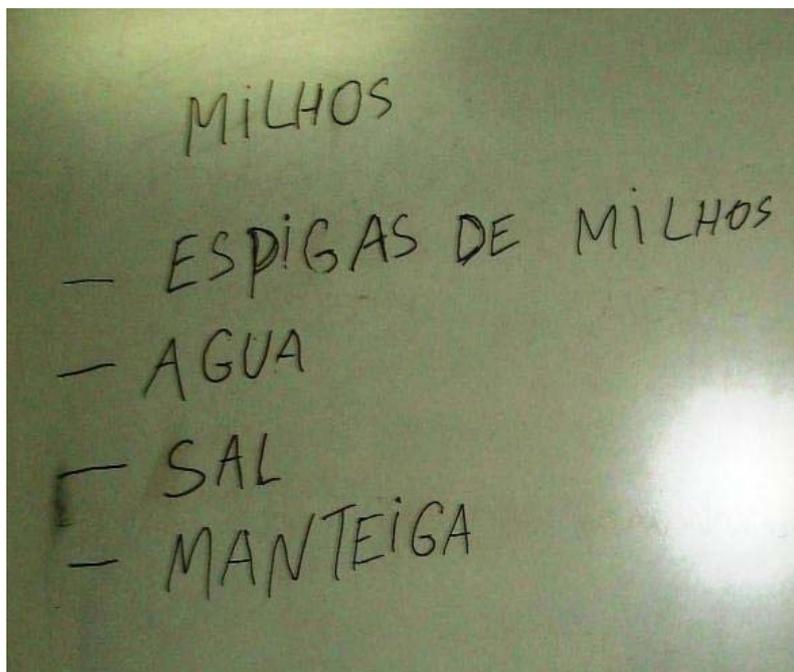


Figura 07 – Receita de milho cozido escrita no quadro branco.

5º Encontro (15/06/07)

Nesse dia, foi realizada a festa em comemoração aos festejos juninos e o encerramento das atividades do primeiro semestre de 2007.

Inicialmente, foram realizadas atividades com o propósito de organizar a decoração da sala, tanto no aspecto dos enfeites quanto das comidas. Na decoração da sala, foram utilizadas bandeiras (confeccionadas pelos próprios afásicos), balões e fogueiras. Em relação às comidas, cada integrante do grupo trouxe um prato típico, escolhido por ele e seus familiares.

Com a finalidade de manter a integração e o vínculo durante o período de recesso, foi fornecido um material a ser utilizado como o “diário de férias”. As atividades do caderno constavam de produção de alguns gêneros textuais, e, caso houvesse dificuldade ou desinteresse na execução dos gêneros propostos, oferecia-se a possibilidade de outras produções, tais como: desenhos, colagens, pinturas,

dentre outras, uma vez que o objetivo maior da atividade era incentivar a comunicação através da linguagem escrita.

Segue, abaixo, a produção escrita de MA (Figura 08), feita para decoração no quadro branco, desejando a todos um feliz São João. Percebe-se a importância da escrita para MA, sempre querendo se expressar para dizer o que pensa e o que está sentindo.



Figura 08 – Foto do quadro branco no dia da festa junina do Grupo de Convivência com dizeres escritos por MA.

6º Encontro (03/08/07)

O 6º Encontro foi a retomada das atividades do Grupo de Convivência de Afasia. Como a Universidade ainda estava voltando às suas atividades regulares, supôs-se que a frequência seria baixa. O único afásico que compareceu ao encontro foi MA. Chegou um pouco atrasado, mas demonstrou muita vontade e entusiasmo com a reinício dos trabalhos. A atividade proposta era trabalhar com o “diário de férias” e conversar a respeito das expectativas para o segundo semestre e os acontecimentos e atividades realizadas durante o recesso.

Neste encontro, MA falou dos acontecimentos mais importantes do mês de julho e as atividades realizadas durante as férias.

Mencionou que, durante as férias, continuou a freqüentar o Clube Náutico Capibaribe, para as suas aulas de natação. Narrou sobre um episódio que lhe aconteceu encontrando um escorpião dentro do seu sapato. Para que o grupo entendesse a que animal se referia, MA desenhou no quadro o escorpião, mas como, mesmo assim, percebeu que os seus interlocutores não conseguiram compreender, optou pela escrita do nome. Ao escrever a primeira letra, o grupo logo adivinhou e MA continuou a contar a história.

Neste fragmento, é possível verificar dois exemplos de máximas conversacionais propostas por Grice (*apud* KOCH, 1997): se perceber que o parceiro já compreendeu o que pretendia comunicar, a continuação da fala, na maioria das situações, se torna desnecessária; e logo que percebe que o ouvinte não está entendendo, suspende o fluxo da informação, repete, muda o planejamento ou introduz uma explicação.

Portanto, nesse episódio, pôde-se perceber que apesar de estar utilizando a modalidade escrita, o que se desenrolou durante esse momento foi uma “verdadeira conversação”, com direito a todos os recursos que compõem este processo, como o uso de diferentes formas de “falar”, para que o interlocutor entenda aquilo que se quer dizer, e da interrupção, a partir do momento que o locutor percebe que o interlocutor já compreendeu aquilo que se queria transmitir.

MA falou, ainda, sobre os jogos pan-americanos, as meninas do vôlei e a derrota para as cubanas, e sobre o acidente com o avião da TAM. Disse que a pista do aeroporto de Congonhas deveria ter o dobro do tamanho atual. Mencionou, ainda, alguns detalhes do acidente: a quantidade de pessoas que estavam no avião e morreram, o número de vítimas que se encontravam no galpão e a velocidade em que estava o avião. Externou ainda sua opinião sobre o acidente, dizendo que o culpado era o presidente Lula, juntamente com o PMDB, e que só Jesus salva.

É interessante destacar que a produção de MA funciona realmente como a sua fala, bastante fragmentada. A partir do momento que seus interlocutores interpretam aquilo que ele quer dizer MA pára, corta a palavra ao meio, visto que seu interlocutor aparenta já ter compreendido o que ele queria dizer e segue para outro tópico/palavra.

A escrita aparece, então, com as características da fala: incompleta, fragmentada. Não podemos esquecer que ele não parece usar a escrita no lugar da

fala, mas usa a escrita para falar. Por este motivo, logo que o interlocutor entende o sentido de sua escrita, ele não vê necessidade de seguir adiante (BARROS, 2006).

MA faz também uso de gestos e expressões faciais para complementar a sua escrita, traço este bem característico da modalidade oral da língua.

Nesta produção (Figura 09), é possível, mais uma vez, verificar auto-correções (LALU – LULA/ AIVO – AVIÃO) na produção escrita de MA, realizadas no decorrer da conversação com os outros participantes.

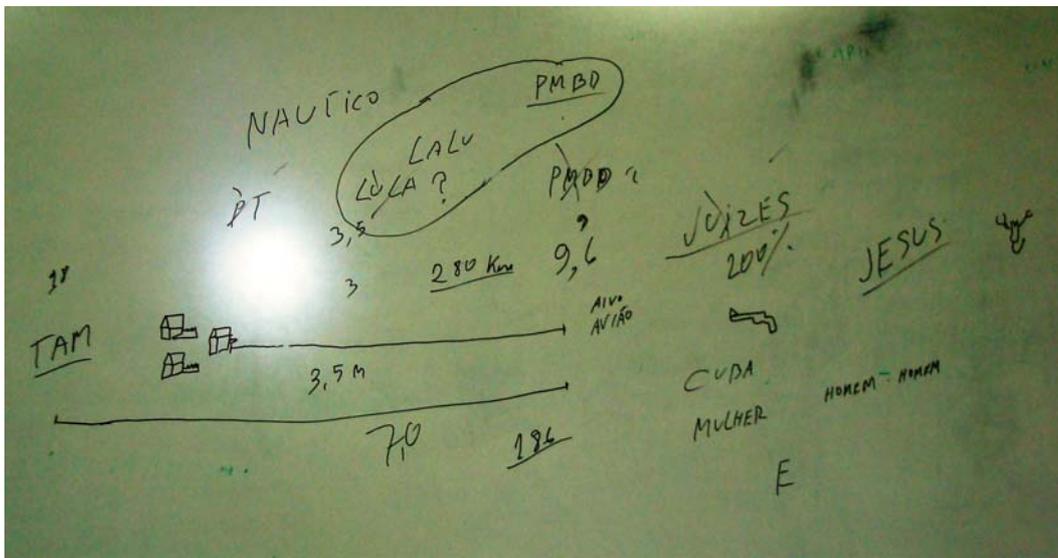


Figura 09 – “Conversa escrita” produzida por MA no retorno das atividades do grupo, para contar os fatos ocorridos durante o recesso.

7º Encontro (10/08/07)

A proposta para o 7º encontro era trabalhar com o “diário de férias”. Como só quem trouxe foi MA, as atividades foram voltadas para o compartilhamento das informações do seu caderno com o grupo. Todavia, também houve o debate e conversa espontânea sobre o período de recesso e sobre o decorrer da semana dos demais integrantes do grupo.

No primeiro fragmento da Figura 10, obtida do “diário de férias” de MA, apesar das palavras soltas e aparentemente sem sentido, é possível perceber que se trata de uma narração de uma ida à terapia fonoaudiológica, ao dizer que conversou com a sua terapeuta sobre o AVC, palavra que ele faz questão de grifar para enfatizar

sobre o que estavam falando e que era um assunto importante, já que existem outras palavras e ele não dá a mesma atenção. Outro aspecto importante que se deve colocar em destaque é a palavra utilizada por MA (CONVERSADO), apesar de ter consciência de que não consegue se expressar oralmente, que seria o requisito essencial para a conversação propriamente dita, para MA esse aspecto não parece lhe impedir de conversar, para ele a sua escrita substitui satisfatoriamente a fala, não o impedindo, assim, de conversar com a sua fonoaudióloga.

No segundo fragmento da mesma figura, MA conta de uma ida sua a um forró. Narra que foi com um amigo seu chamado WI, que lá bebeu coca-cola e conheceu uma moça chamada LU, com quem dançou forró e deu muitos beijos.

No fragmento seguinte, MA menciona uma ida à igreja. Em sua produção escrita faz uso de palavras-chave determinantes para a compreensão do que está sendo dito, como, por exemplo: Jesus, fé e bispo. Como já foi mencionado, MA realiza adequadamente a seleção lexical ao escrever, de modo que apenas com uma palavra é possível compreender o que quer dizer.

Na Figura 10, no primeiro fragmento, MA escreve sobre algumas reportagens que leu no jornal sobre uma juíza que fumava maconha e era homossexual. É bem interessante esta produção em que MA escreve para a palavra mulher, MULHAO, e para a palavra homem, HOMAN. Parece que ao realizar essas alterações morfológicas MA está querendo mostrar que não se trata de uma mulher ou homem heterossexual, ele destaca, através da escrita alterada, a homossexualidade da juíza.

Nesse caso, percebe-se que MA comete um “erro”, mas esta alteração refere-se, nas palavras de Santana (2002), a uma hipótese do sujeito sobre a língua e deve ser analisada como tal.

No segundo fragmento da Figura 11, MA relata a história do escorpião que encontrou em sua sandália. Este fato já havia sido contado no primeiro dia após o recesso, quando MA falou ao grupo um pouco sobre suas férias.

Observando a sua produção textual, pode-se constatar que MA organiza os seus textos adequadamente, separando os acontecimentos pelas datas, ou seja, o gênero diário é manipulado corretamente por MA.

Como este encontro foi um dos primeiros após o recesso, foi um dia de muitos reencontros e os afásicos aproveitaram a ocasião para elogiar o progresso dos seus companheiros. Foi muito interessante observar que os outros afásicos

chamaram a atenção para a fala de MA, dizendo que estava falando muito melhor. Mas, na verdade, os progressos de comunicação de MA ocorreram no âmbito da escrita, visto que, infelizmente, ele ainda apresenta muito dificuldade para se expressar oralmente. Contudo, como a sua escrita funciona praticamente como a sua fala e faz um bom uso dos gestos e expressões faciais, seus companheiros reconhecem a melhora na sua capacidade de comunicação, mas não atentam para o fato de que se trata da escrita, dada a sua relação com a fala.

De acordo com Dauden e Mori-de Angelis (2004, p.50), tomar a escrita (o discurso escrito) como ponto de partida significa garantir ao sujeito escritor a possibilidade de re(conhecer) os diversos aspectos implicados na produção de um texto, ou seja, significa discutir noções como “situação de produção”, “grau de conhecimento compartilhado”, “gênero discursivo”, “relações entre oralidade e escrita”, “esferas de circulação social” e, principalmente, “a escrita como lugar de constituição e manifestação de subjetividade”.

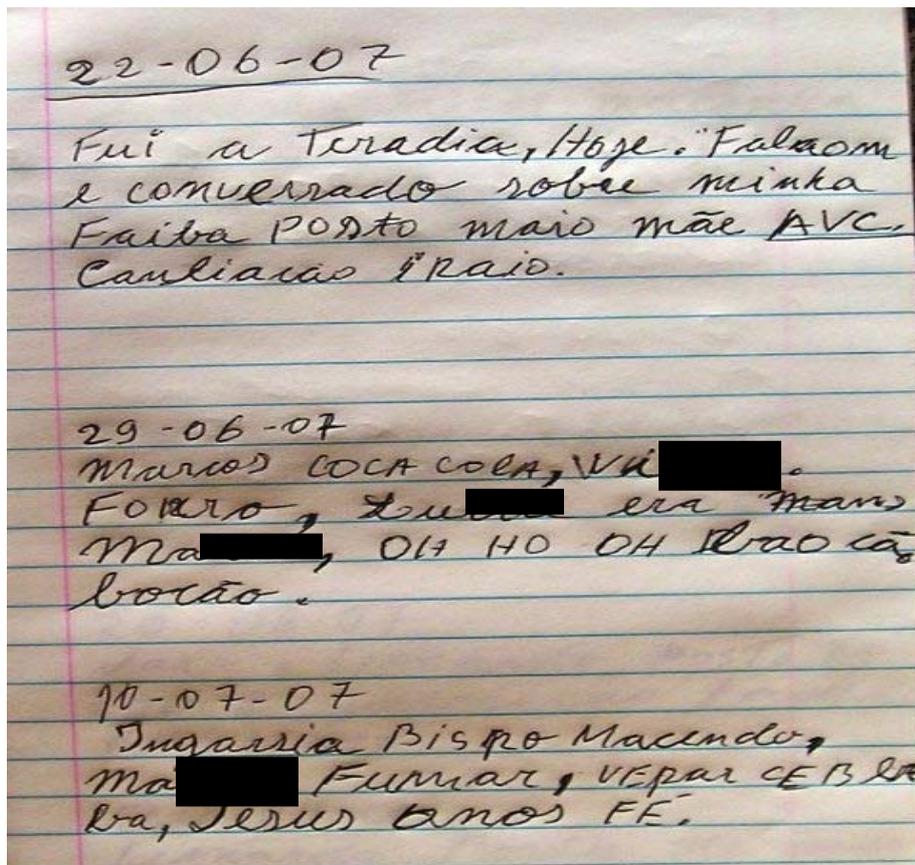


Figura 10 – Fragmentos do “Diário de Férias” de MA, narrando situações ocorridas durante

o recesso.

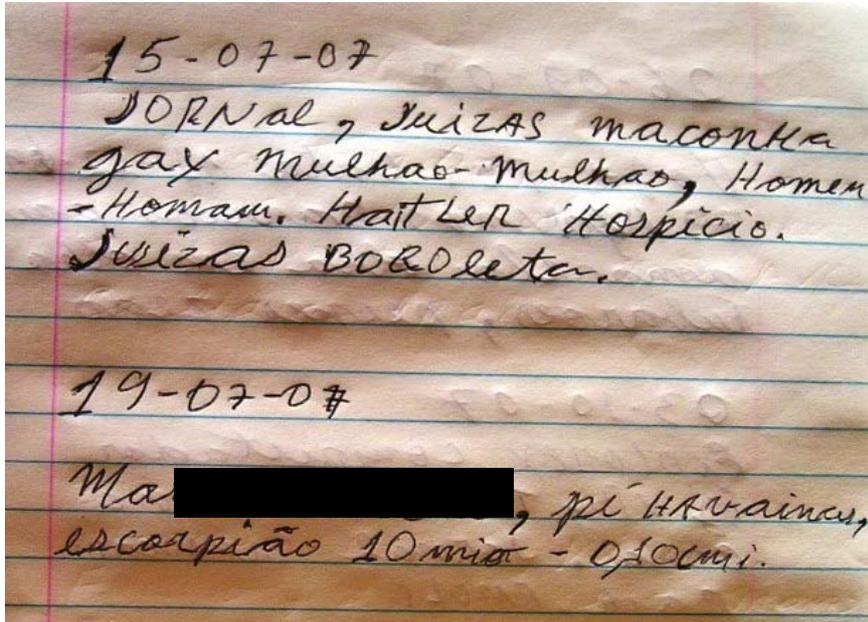


Figura 11 – Produção textual extraída do “Diário de Férias” de MA.

8º Encontro (16/08/07)

A atividade proposta para o 8º encontro foi uma exposição de revistas, a partir das quais cada um dos sujeitos escolheria uma reportagem para ler e depois comentar o que entendeu sobre a notícia.

MA tinha escolhido uma reportagem sobre os juízes, mas acabou falando sobre uma reportagem, que leu na internet, sobre um cometa que irá atingir a terra entre 2010 e 2019, utilizando, a exemplo das outras vezes, o quadro branco e figuras para comentar a sua notícia.

Observa-se, ainda, nessa produção textual (Figura 12) de MA, a sua resposta à pergunta sobre quando se tornou afásico. Ele explica que aconteceu em julho de dois mil e cinco, mais precisamente no dia vinte e um, decorrente de um AVC.

Em seguida, foi solicitado a cada um dos afásicos que escrevessem sobre o que estavam achando da oficina, sugestões e uma auto-avaliação.

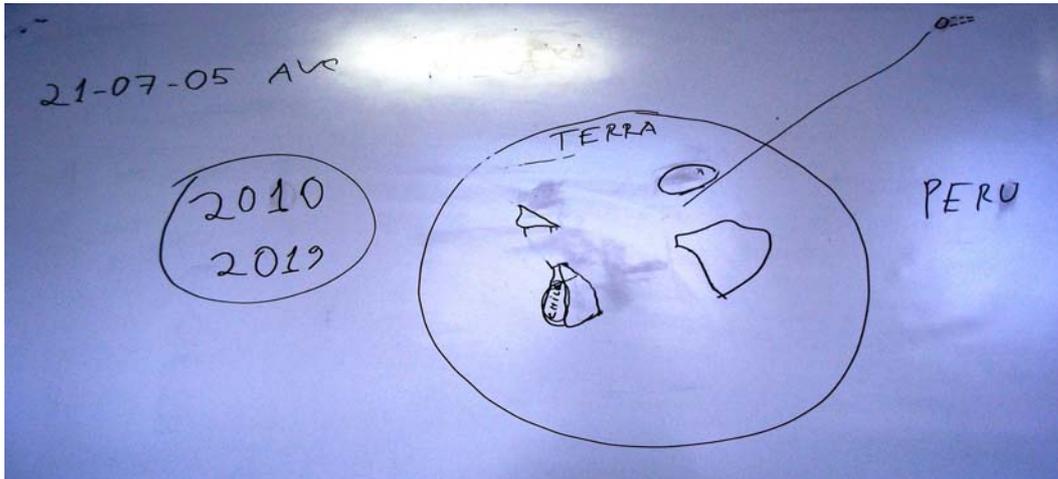


Figura 12 – Texto de MA sobre um cometa que irá atingir a terra entre 2010 e 2019.

9º Encontro (23/08/07)

A atividade proposta para esse encontro foi a exibição do filme francês “O Baile”. A sugestão da exibição desse filme se deu devido ao fato de o mesmo não apresentar diálogos. Dessa forma, seria possível mostrar ao grupo que, mesmo com a ausência de fala, é possível compreender aquilo que se quer dizer através do contexto situacional, dos gestos e das expressões faciais.

Para a exibição do filme, o grupo trouxe pipoca e guaraná, para tornar o encontro mais prazeroso. No entanto, devido a problemas técnicos na execução do vídeo, só foi possível assistir aos primeiros 30 minutos do filme.

Como proposta alternativa, realizou-se uma roda de bate-papo. MA trouxe a reportagem de um *site* da internet sobre o asteróide que tinha comentado no encontro passado. Percebe-se que MA visita um grande número de *sites* de notícias na internet e sempre traz algo novo para mostrar ao grupo. As notícias que mais o interessam versam sobre política e corrupção. É provável que o fato de estar sempre em contato com a leitura seja um fator determinante para o sucesso de MA na comunicação através da escrita.

10º Encontro (30/08/07)

No 10º encontro, foi desenvolvida uma atividade escrita em que foi utilizado o gênero textual quadrinhos. Na oportunidade, foi fornecida aos afásicos uma seqüência de história em quadrinhos sem o texto escrito. A tarefa era elaborar os diálogos do texto com base na expressão facial dos personagens e no contexto situacional.

MA realizou a atividade de forma satisfatória, o que demonstrou que também conseguiu compreender a história. Deu nome aos personagens e formulou diálogos adequados.

Nota-se que, quando é solicitado a realizar uma atividade escrita, MA faz uso exarcebado de pontuações, o que leva a suspeitar que o faça para afirmar que se trata de uma atividade escrita e, assim, diferenciar um pouco da produção textual que utiliza para falar, que se apresenta menos formal, desorganizada, como ocorre na fala propriamente dita. Com alguns erros ortográficos, a escrita apresentou-se, como acontece em todas as suas produções, de forma topicalizada, telegráfica, ou seja, com apenas uma palavra, exprimindo aquilo que quer dizer.

Em relação a esta questão, Barros (2006) diz que escrevendo “palavras-chave” é possível construir uma narrativa “montada” pelo outro, que dá forma e reconhecimento à sua intenção e um sentido à sua escrita. As características abreviadas desta escrita são expandidas pelos interlocutores e, assim, a exemplo do que acontece com o aluno no trabalho de Barros, pode-se afirmar que *o afásico* consegue assumir o seu papel de sujeito-autor. Em outras palavras, mesmo com suas dificuldades lingüísticas, *o afásico* organiza a fala pela escrita, demonstrando uma relação de interdependência, isto é, a fala e a escrita influenciam-se mutuamente na construção da referência e na manutenção do tópico discursivo.

Um depoimento de Shirley, uma afásica que escreveu algumas notas para pessoas com afasia e seus familiares juntamente com a lingüista Lise Menn, sobre este aspecto ilustra bem este fato que ocorre com MA. Ela diz:

Eu fui para a university speech Clinic e vi outras pessoas que tinham afasia. Alguns deles utilizavam a escrita para ajudar na comunicação, como eu faço, mas eles abreviam muito, escrevendo somente o início da palavra. Para mim, às vezes a palavra parece evaporar no meio, e eu acho que é isso que acontece com as outras pessoas também. Eu vejo a palavra, eu

quero na minha mente primeiro, mas depois quando escrevo, eu não consigo lembrar como era. Mas o que fica no papel é, na maioria das vezes, suficiente para que outras pessoas adivinhem o que significa, se nós estivéssemos tendo uma conversação (KLEINMAN E MENN, 1997, p.6, tradução nossa).

Após a elaboração escrita da história em quadrinhos (Figuras 13, 14 e 15), cada um apresentou a sua produção para o grupo. MA apresentou grande dificuldade, já que é o mais comprometido em relação à fala, embora tenha feito questão de tentar articular alguns fonemas. Pôde-se perceber, durante a apresentação, a angústia do restante do grupo com sua dificuldade. Mas, apesar disso, MA não apresenta, em nenhum momento, qualquer constrangimento durante essas situações, diferentemente de outros sujeitos afásicos que também participam do grupo, os quais por não conseguirem falar algo, irritam-se e silenciam. MA lida melhor com essas situações, provavelmente, pelo fato de que, quando não consegue falar algo, pode recorrer à escrita, modalidade em que, apesar de também apresentar dificuldades, consegue se comunicar com sucesso.

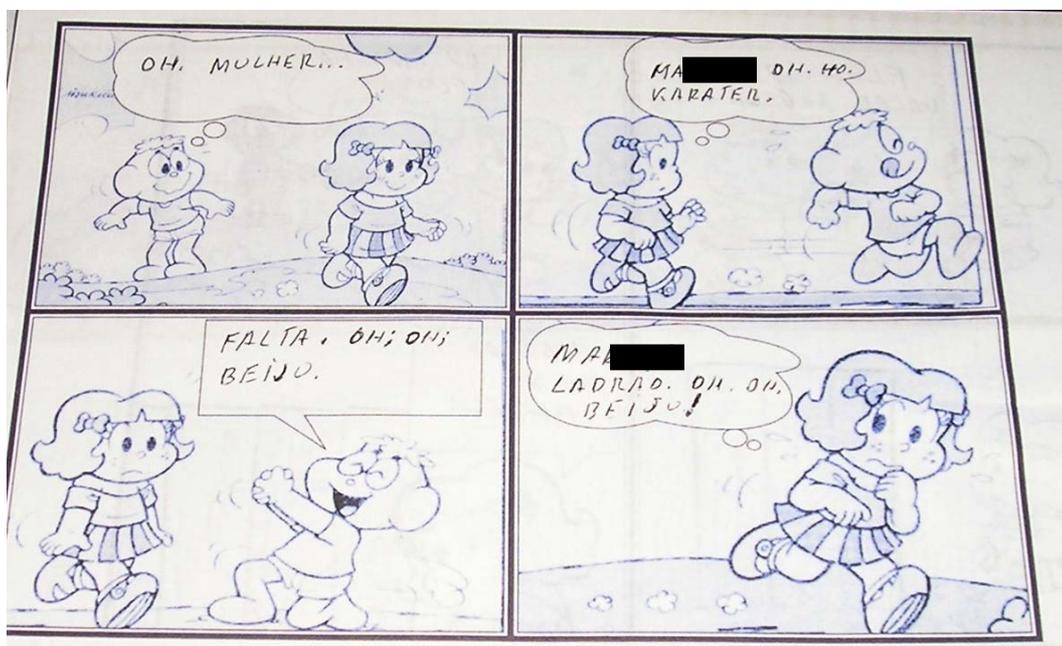


Figura 13 – Gênero textual quadrinhos construído por MA em atividade escrita do Grupo.

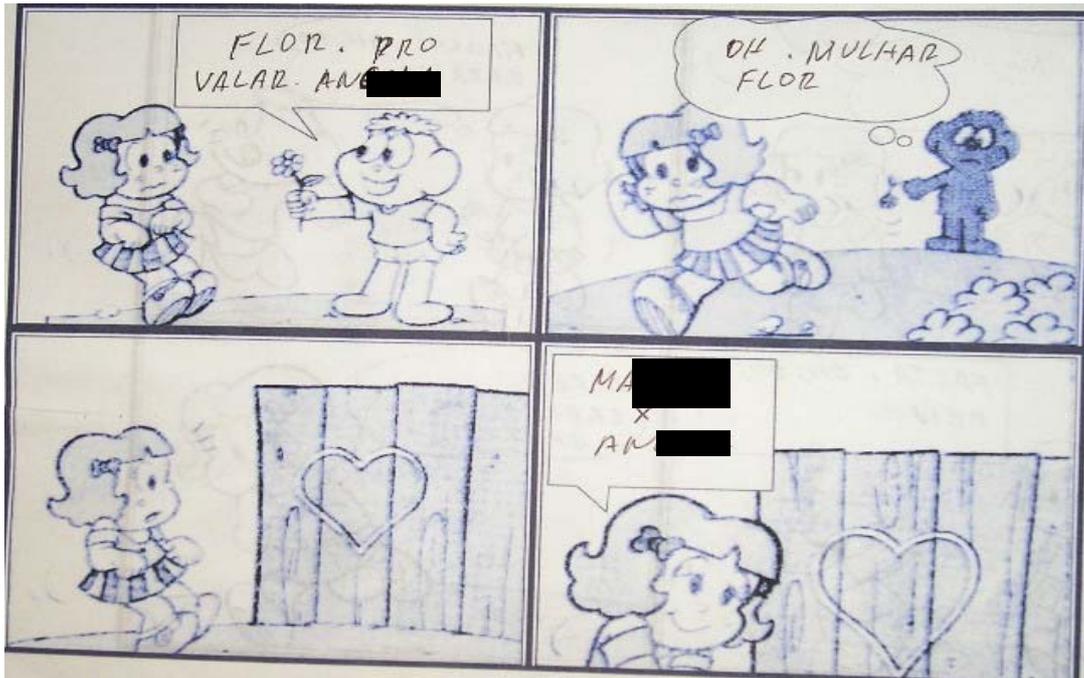


Figura 14 – Continuação dos quadrinhos produzidos por MA.

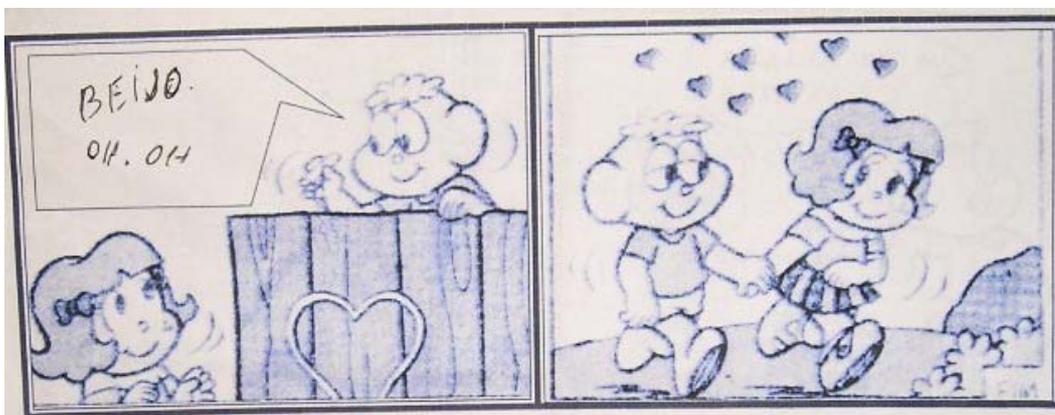


Figura 15 – Última parte da história em quadrinhos sugerida como atividade no Grupo e realizada com sucesso por MA.

11º Encontro (06/09/07)

O encontro realizado nesse dia teve como objetivo a produção do gênero textual bula de remédio e, posteriormente, a realização de uma atividade voltada

para uma abordagem mais ampla e diversificada que exclusivamente a escrita. A atividade era observar a comunicação através da utilização de desenhos como recurso.

O gênero proposto não foi bem aceito pelos sujeitos, que apresentaram dificuldade em produzi-lo.

No trabalho com o afásico, então, vão existir gêneros textuais cujo trabalho fica prejudicado por diversos fatores, seja a não familiaridade com o gênero proposto, sejam os aspectos cognitivos exigidos, ou, até mesmo, a “(des)preferência” por parte do sujeito em relação a determinado tipo de gênero textual.

Nesse momento, deve-se levar em conta o *continuum* dos gêneros textuais proposto por Marcuschi que permite que se faça uma análise de acordo com o grau de formalidade de determinado gênero, que vai do mais formal ao menos formal, sendo este último o grau mais facilmente manipulado pelo afásico participante da pesquisa.

Embora tenha participado da atividade, MA apresentou grande limitação, tendo, por isso, recebido auxílio dos outros participantes. Utilizou palavras-chave para explicar seu “remédio” (Figura 10). Como sempre, além da escrita, recorreu ao desenho, que se manifesta como recurso complementar para sua linguagem e, assim, conseguiu fazer com que seus interlocutores compreendessem o que queria dizer. O seu remédio referia-se a um produto que exterminasse os vermes encontrados no mar, provenientes da urina dos cachorros, e que estavam infectando os tubarões. MA dá nome ao seu remédio (COTRIMAZOL), o que permite afirmar que entendeu o objetivo da atividade e esta denominação apresenta-se como item específico para a identificação do gênero textual em questão. Refere-se, ainda, ao nome do cachorro em inglês, o que pode dar pistas do seu grau de letramento.

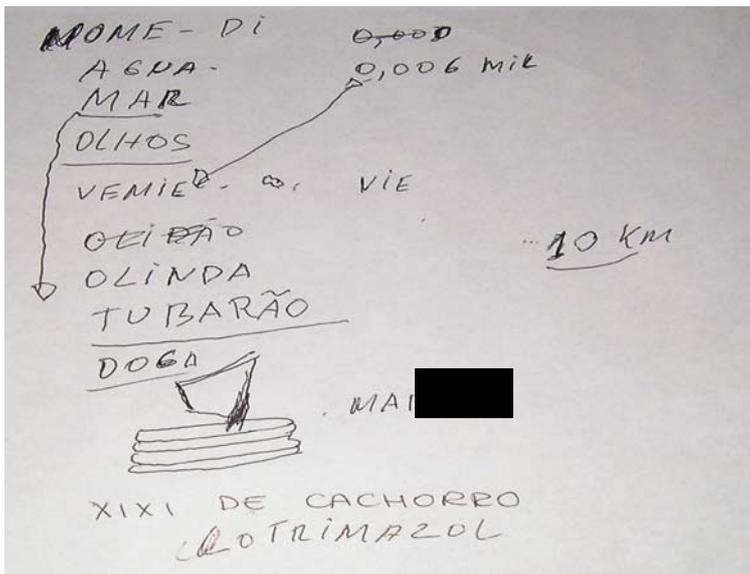


Figura 16 – Tentativa de produção do gênero bula de remédio realizada por MA.

12º Encontro (13/09/07)

O 12º encontro teve início com uma conversa espontânea, em que os afásicos comentaram sobre atividades que realizaram ou notícias que viram durante a semana.

MA fez menção à absolvição do político Renan Calheiros e, como de costume, insinuou que todos os políticos eram ladrões. MA gosta de assistir a programas de televisão e se interessa muito por política.

Para esse encontro, foi programada uma atividade musical, em que eram colocadas músicas do conhecimento dos participantes. Em um determinado momento, a música era parada e quem soubesse deveria continuá-la e dizer o seu nome.

MA, apesar de não conseguir continuar a música cantando, fazia assobiando ou batendo palmas no ritmo da canção, o que fica explícito que, apesar da dificuldade em articular as palavras, MA mantém os aspectos prosódicos e entoacionais, em outras palavras, a melodia, intactas. Esse fator confere, sem dúvida, um maior sentido as suas iniciativas comunicativas.

Após essa atividade, foi solicitada ao grupo uma música que estivesse relacionada a um momento marcante de suas vidas, escrevendo, em seguida, a

história desse momento. Todos escreveram histórias de como conheceram um grande amor.

Na produção textual de MA (Figura 17), pode ser observado o nome de umas das músicas (CARINHOSO), que ele adivinhou durante a atividade, e a história de como conheceu a mulher de sua vida. Menciona que seu nome era EV e que, na ocasião, ele tinha 33 anos e ela, 55. E, mais uma vez, MA faz um cálculo, desta vez, da diferença de idade entre ele e sua ex-mulher. Quando perguntado por alguém do grupo que tipo de música mais o agradava, responde que é o *rock*.

Observa-se que a escrita de MA no quadro branco, neste episódio, é bem desorganizada, assim como a fala propriamente dita, que parece caótica, mas que se apresenta, de certa forma, coerente e compreensível. Do mesmo modo, se fôssemos analisar essa produção, sem levar em consideração o contexto situacional em que ocorreu, pareceria mais um amontoado de palavras sem sentido, mas a partir do momento que entendemos a situação em que foi elaborado, o texto passa a ter um significado para quem o lê.

Esse fato está relacionado ao que Marcuschi (2001, p. 32) observa com relação ao contexto cultural exercendo forte influência sobre a escrita, sendo “mais similares do que diferentes no seu aspecto sociológico”.

Gumperz (1992, p.230) acrescenta que a contextualização é o “uso que os falantes e ouvintes fazem de signos verbais e não verbais para relatar o que é dito a cada momento e em cada lugar para conhecer a experiência adquirida no passado a fim de recuperar as pressuposições em que devem confiar para manter o envolvimento conversacional e acessar o que é intencionado”.

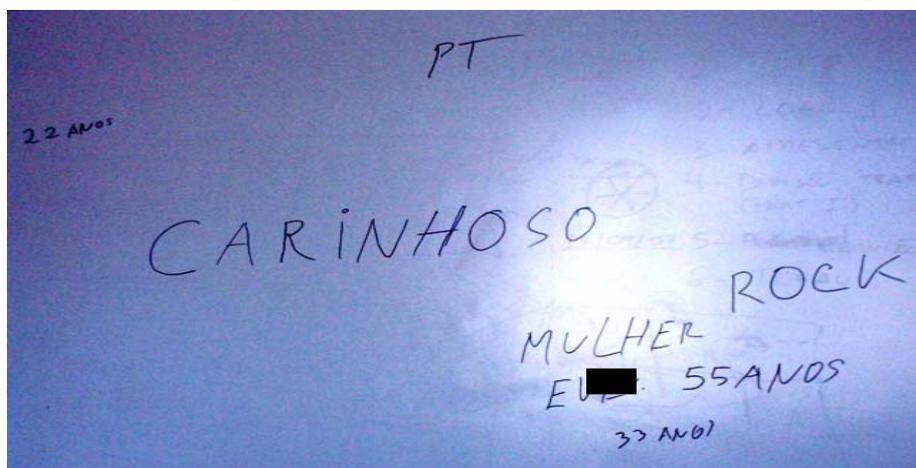


Figura 17 – “Conversa escrita” realizada por MA no 12º Encontro referente a atividade realizada com música e a narração de uma história.

13º Encontro (20/09/07)

No encontro deste dia, MA chegou um pouco atrasado. Justificou seu atraso mencionando que estava doente e que tinha ido antes ao laboratório para realizar um exame sanguíneo. Trouxe um bilhete de seu pai em que informava que MA estava doente, estavam suspeitando de dengue e MA estava se recusando a realizar o exame laboratorial.

Às vezes, é possível perceber que o pai de MA, apesar de ser extremamente presente e bom na vida do filho, dá-lhe uma superproteção, e, assim, o infantiliza.

Nesse caso, por exemplo, mesmo que o pai de MA não tivesse mandado um bilhete informando da sua doença, MA teria conseguido expressar o que estava acontecendo, como o fez antes mesmo de apresentar o bilhete ao grupo.

Ao final do encontro, foi realizada uma atividade “descontraída”, que visava a trabalhar a habilidade sensitiva (tato). Nesta atividade, os participantes do grupo eram vendados e teriam que adivinhar qual seria o objeto que se encontrava em suas mãos.

MA, apesar de não conseguir expressar verbalmente qual era o objeto, o fez através de gestos ou indo ao quadro escrever o nome do objeto.

14º Encontro (27/09/07)

No 14º Encontro, chegou um novo afásico ao grupo. Por ser o primeiro dia no grupo e por estar bastante deprimido, os outros integrantes se apresentaram e contaram como se tornaram afásicos e as dificuldades decorrentes da patologia.

MA narrou ao novo integrante a sua história, como se pode observar na Figura 18. Primeiro, apresentou-se, escreveu seu nome, depois, contou que sofreu um AVC no dia vinte e um de julho de 2005. Mencionou que este AVC se deu, possivelmente, pelo fato de que fumava muito, desde os doze anos de idade. Contou que tinha quarenta e um anos quando se tornou afásico, e, novamente, faz um cálculo. Desta vez, do tempo que fumou, ou seja, se começou a fumar aos 12 anos de idade e parou quando teve o AVC, aos quarenta e um anos, então, fumou durante vinte e nove anos. E, nesse momento, se refere a Jesus, querendo dizer com isso que esteve próximo da morte.

Ao final, MA relatou, através da escrita, que dia doze de outubro é o dia do seu aniversário. Então, ficou combinado que seria feita uma festa em comemoração aos aniversariantes do semestre, incluindo o dele, na quinta-feira que antecede o dia doze.

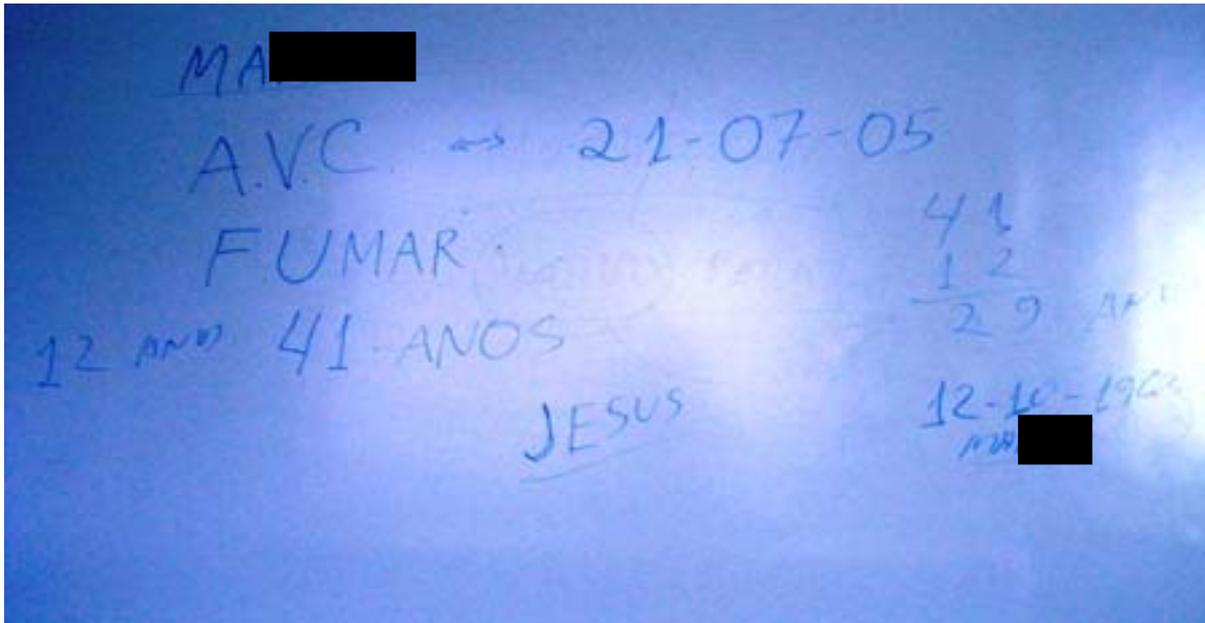


Figura 18 – Através da escrita, no quadro branco, MA conta ao novo participante do grupo a história da sua afasia.

15º Encontro (04/10/07)

Como de costume, inicialmente, foram apresentados os temas daquela semana, destacando-se o nascimento dos gêmeos gerados pela avó materna e o caso do recém-nascido jogado pela mãe em um canal, em Belo Horizonte. Esta segunda notícia foi trazida por MA, que vem se mostrando bastante informado dos acontecimentos em geral. Como já mencionado, por sempre fazer uso do computador, MA mantém-se informado através de *sites* de notícia e, por isso, traz sempre ao grupo alguma novidade.

Após este momento inicial, foi iniciada a atividade proposta para o encontro, relacionada à montagem de uma história. Nesta atividade, cada membro do grupo

escrevia ou falava (para outra pessoa escrever) um trecho da história que seria construída conjuntamente.

MA, apesar de apresentar um pouco de dificuldade na escrita de algumas palavras, conseguiu realizar a atividade e deu continuidade à história de forma coerente.

Após a construção da história, os participantes do grupo deveriam se dividir em pares e encená-la para os outros. MA apresenta bastante facilidade com tarefas de mímica e encenação porque faz bastante uso de gestos e expressões faciais para se fazer entender, e, por isso, sempre se sai muito bem nessas atividades. E não foi diferente desta vez, já que foi um dos mais elogiados durante a sua apresentação.

Estes recursos, chamados de não-verbais ou paralinguísticos, fazem parte, como aponta Marcuschi (2003, p. 63), dos marcadores conversacionais, elementos discursivos extremamente freqüentes nos textos falados. Servem de elo de ligação entre unidades comunicativas e de orientação dos falantes entre si.

De acordo com Carreón e Jurado (2003, p. 172), os gestos, como qualquer outro sistema comunicativo não-verbal, têm a capacidade de manifestar sinais que ativam leituras determinadas contextualmente dentro de comunidades semióticas que compartilham significados, tendo sempre em conta a origem do gesto produzido, seja ele natural ou cultural.

16º Encontro (11/10/07)

Para o 16º encontro, ficou programada a comemoração do aniversário de MA e de outro afásico participante do grupo que também fazia aniversário na mesma época.

Assim, como ocorreu na festa de São João, foi pedido aos participantes do grupo que trouxessem algum prato de aniversário.

No encontro anterior, quando se discutia a respeito do que cada um iria trazer para a festa, MA mencionou que levaria camarão. O grupo, achando que ele levaria o camarão alho e óleo e que seria inadequado e complicado, sugeriu que ele trouxesse outra coisa. Mas, no dia da festa é que foi possível compreender o que MA estava querendo dizer, quando ele trouxe salgadinho de camarão.

Assim, é possível perceber que, apesar do interesse de todos em compreender o que MA quer expressar, muitas vezes fica complicado e, ele, quando não se faz compreendido, desiste e o seu interlocutor interpreta o seu enunciado incorretamente. É o mesmo que ocorre com a criança quando está aprendendo a falar e a mãe interpreta aquilo que ela quer dizer, muitas vezes, equivocadamente.

Após o bate-papo inicial, a sala foi arrumada para a festa. Bolas foram enchidas para enfeitar a sala e os comes e bebes foram colocados na mesa. Esta atividade agradou muito os sujeitos, possivelmente por se sentirem úteis por fazer algo para ajudar.

Em seguida, foram oferecidos aos participantes cartões de aniversário para que eles pudessem escrever e, assim, presentear os aniversariantes.

MA escreveu para JL (Figura 19), o outro integrante do grupo que estava comemorando o aniversário. A sua produção textual, proposta para este dia, foi realizada adequadamente. Em seu texto, encontram-se todos os itens que devem compor um cartão de aniversário: a data, a saudação, as felicitações e os nomes de quem está recebendo o cartão e de quem o está escrevendo, apesar de não estar totalmente organizado. Mas, essa falta de organização é também uma marca da oralidade do afásico em sua escrita que, geralmente, apresenta-se aparentemente desconexa.

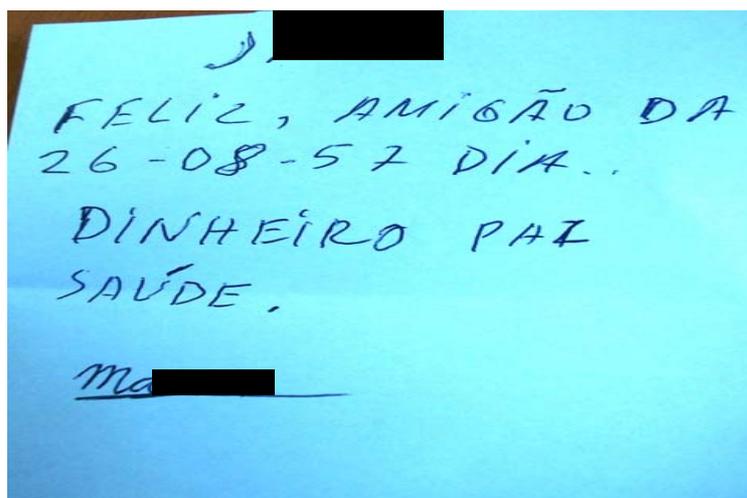


Figura 19 – Foto do cartão de aniversário escrito por MA para JL, outro afásico integrante do grupo.

17º Encontro (18/10/07)

A atividade escrita proposta para o 17º Encontro ocorreu da seguinte forma: cada sujeito tinha que escrever o que achou da festa de aniversário da semana passada, como se estivessem fazendo uma narração (contando uma história). Além da narração do encontro anterior, MA acrescentou ao seu texto uma curiosidade da cultura russa que viu na internet referente ao cumprimento entre homens que se faz através de beijos no rosto, diferente do que ocorre no Brasil.

No fragmento escrito realizado por MA (Figura 20), pode-se observar que a narração do que aconteceu no encontro anterior mostra-se bastante fragmentada e topicalizada, aspecto característico da escrita de MA, também comum na fala do afásico. Mas, um ponto que merece destaque é a pontuação que MA faz nesse texto. Parece que, como foi uma atividade em que era exigida uma escrita mais formal, o texto dissertativo, MA faz questão de usar a pontuação de forma excessiva para demonstrar que aquela produção textual era realizada na forma escrita e diferenciá-la da sua forma “escrita-falada” e, que um texto escrito formal exige suas devidas pontuações.

Em seguida, foi realizada a atividade de descontração (mímica de profissões). O nome dos participantes foi distribuído individualmente no quadro, para que fosse marcada a pontuação dos acertos de cada membro. Durante as mímicas, como vem sendo percebido durante as atividades de descontração, um dos que mais se diverte e aproveita é MA. Tanto que ele e RB destacaram-se na pontuação na atividade, com 9 e 10 pontos, respectivamente.

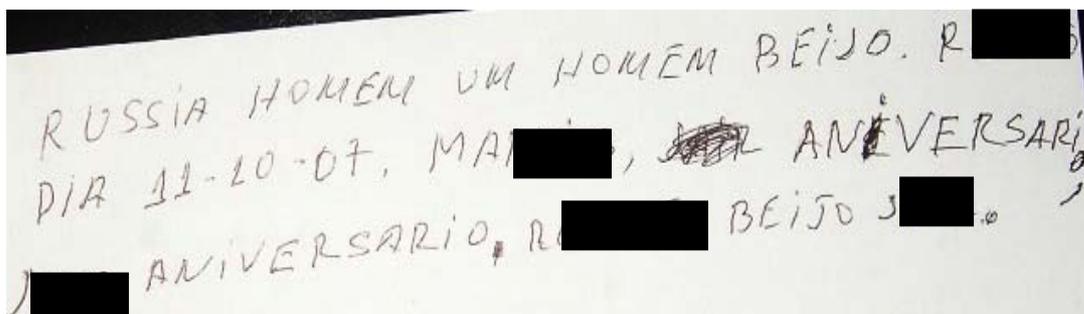


Figura 20 – Atividade escrita com o gênero textual Resumo.

18º Encontro (25/10/07)

Neste encontro, a atividade inicial foi uma conversa sobre os fatos ocorridos durante a semana. Dentre as notícias de jornal, MA, RB e JL comentaram que viram a professora CNA no telejornal, falando sobre a gagueira (a professora participou de várias entrevistas devido à semana nacional de atenção à gagueira), tendo MA, inclusive, imitado como seria um gago falando.

Para o encontro, programou-se uma atividade com desenho. Após conversa sobre bons momentos ocorridos na vida de cada um, foi solicitado aos participantes que desenhassem o que mais lhes trouxe boas lembranças.

Inicialmente, MA não compreendeu muito bem o objetivo da atividade. Depois de explicada mais detalhadamente, ele entendeu.

Desenhou o Clube Náutico Capibaribe e seus arredores, mostrando que é um lugar que lhe deixa feliz, e que frequenta quando vai à natação. Fez também uma caricatura dele (Figura 21).

MA, mais uma vez, escreveu algumas palavras que não se relacionavam com a proposta da atividade, nem tinham relação com aquilo que estava desenhando. Destaca-se novamente que as palavras aparentemente não fazem sentido, mas se houvesse tido estranhamento por parte de seus interlocutores quanto ao significado delas, talvez MA tivesse conseguido explicar sua presença na produção.

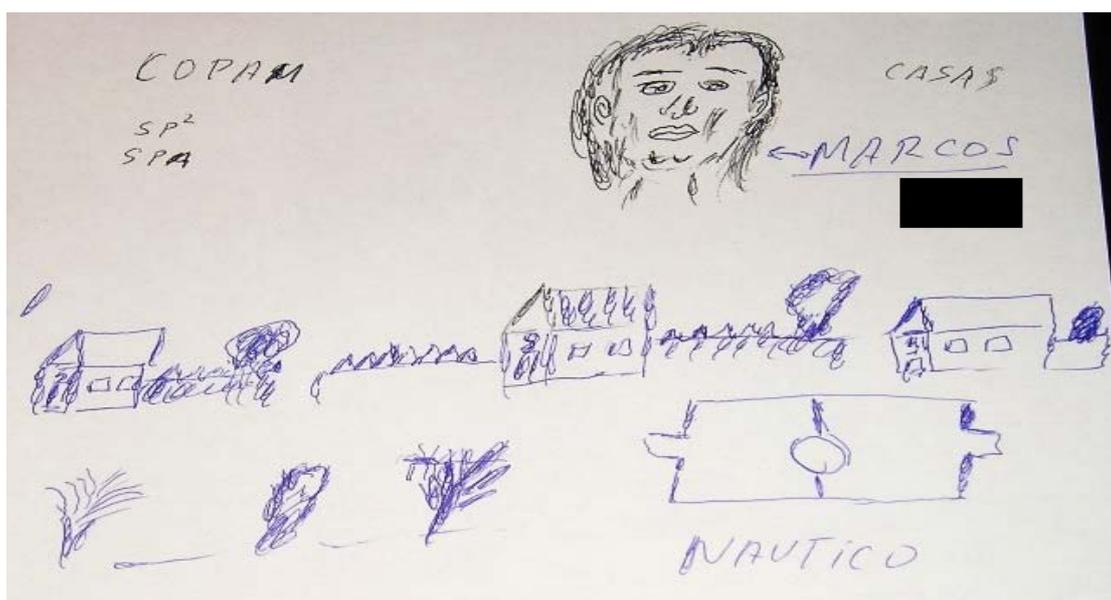


Figura 21 – Desenho realizado por MA no 20º Encontro.

19º Encontro (01/11/07)

O 19º encontro foi iniciado com a discussão de vários assuntos sobre a semana de cada afásico e sobre notícias da semana. Em seguida, foi dado início à atividade proposta para aquele dia.

A atividade consistia em apresentar um DVD de piadas de Mr. Bean.

MA foi um dos que mais se distraiu e aproveitou a exibição do filme. O objetivo de passar esse vídeo de piadas foi tentar fazer com que os participantes conseguissem compreender melhor o gênero piadas, já que há alguns encontros atrás, quando se tentou trabalhar com piadas e provérbios, os afásicos tiveram muita dificuldade para compreender, realizando sempre a interpretação literal do texto.

Dessa maneira, foi possível perceber que, levando uma forma mais contextualizada e situada do gênero textual piada, os afásicos puderam aproveitar melhor a atividade proposta.

Após a apresentação do DVD foi realizado um momento de discussão sobre o vídeo. MA mencionou a parte que mais havia gostado fazendo mímica e gestos. Imitou a parte em que Mr. Bean se escondeu embaixo do tapete porque estava nu.

20º Encontro (08/11/07)

O 20º encontro foi iniciado com uma conversa espontânea, como acontece normalmente no grupo.

MA presenteou as coordenadoras do grupo com um DVD sobre o aquecimento global chamado “Uma visão global”. Como utiliza muito o computador, faz muitas cópias de filmes e jogos de computador e sempre presenteia os outros participantes do grupo.

Após este momento, teve início a atividade programada para o encontro que foi o jogo “nome, lugar e objeto”, jogo que consiste na pontuação de algumas categorias, como por exemplo, nome, lugar, objeto, fruta etc. Os participantes escolhem uma letra e devem escrever palavras correspondentes as categorias apenas com a letra sorteada. Alguns dos participantes o conheciam, mas como a grande maioria não sabia, o jogo foi explicado detalhadamente. A atividade foi

realizada conjuntamente, com uma lista de algumas categorias, sorteio da letra, e os participantes deveriam dizer o nome que era colocado no quadro branco.

MA, apesar da dificuldade em compreender a atividade inicialmente, após os exemplos dos outros participantes, “falou” corretamente várias palavras referentes às suas categorias. Escrevia em um papel e mostrava a pessoa que estava colocando no quadro ou ia ao quadro e escrevia a palavra.

4.2 Os dados e a perspectiva teórica adotada

De acordo com a abordagem teórico-metodológica proposta por Marcuschi e empregada na análise e discussão dos dados aqui apresentados, que “trata dos fenômenos de fala e escrita enquanto relação entre fatos lingüísticos (relação fala-escrita) e enquanto relação entre práticas sociais (oralidade versus letramento)”, foi possível constatar, de fato, a íntima relação existente entre a fala e a escrita no processo de resgate da linguagem.

O sujeito selecionado para a pesquisa que, como já foi mencionado, apresenta grande dificuldade de se comunicar através da fala, o faz de forma bastante satisfatória através da modalidade escrita. Em muitos momentos, é possível verificar características da fala em sua escrita, o que faz com que, em certas situações, perceba-se uma “mixagem” das duas modalidades.

As marcas de oralidade que puderam ser constatadas em sua escrita não se apresentaram exatamente da mesma forma daquelas apontadas por Marcuschi, que, em sua teoria, se baseia na linguagem de pessoas não-afásicas. Foi necessário, então, levar em consideração, durante a análise, a especificidade da linguagem do paciente afásico em questão que apresenta uma produção mais fragmentada e topicalizada.

O fato de sua linguagem, tanto na modalidade oral quanto na escrita, encontrar-se fragmentada não indica, necessariamente, que não haja uma compreensão por parte do interlocutor em relação àquilo que MA quer expressar. Para se fazer entender, MA recorre ao processo de seleção lexical quando produz um texto, escolhendo palavras-chave com grande carga significativa, o que permite que a interação possa ocorrer sem grandes deslizos.

Outras características em comum com a linguagem de pessoas não acometidas com dano cerebral também foram observadas, como o uso de recursos não-verbais auxiliando na comunicação, a presença do interlocutor como co-autor do discurso, a utilização de elementos organizadores do discurso, entre outros.

Ao analisar a produção textual de MA, pondo em destaque as marcas orais na escrita, como abordado nos estudos da relação fala-escrita, foi necessário, ainda, considerar o gênero textual utilizado e a manipulação realizada pelo afásico, já que, de acordo com Marcuschi (2007), as relações podem ser melhor compreendidas quando observadas no *continuum* dos gêneros textuais. Em boa medida, se dão em relação de contrapartes, ocorrendo em grau significativo os gêneros similares nas duas modalidades.

Os gêneros textuais mais formais ou que exigiam uma maior elaboração da escrita foram, sem dúvida, mais difíceis de serem produzidos por MA. Aqueles que se afastavam da sua realidade social ou que exigiam um processo de abstração mais complexo, quando realizados, também foram feitos com bastante dificuldade.

Contudo, os que tinham um caráter mais comunicativo, conseqüentemente mais espontâneos e informais, foram muito bem empregados por MA, permitindo que, assim, conseguisse se comunicar e dizer o que estava pensando ou sentindo.

Seguindo o modelo do gráfico de representação do *continuum* dos gêneros textuais na fala e na escrita proposto por Marcuschi (1995), os gêneros textuais produzidos por MA, durante os vinte encontros aqui descritos e analisados, estão dispostos na Figura 22. Observa-se que, apesar dos gêneros encontrarem-se na modalidade escrita, muitos vão se situar, no gráfico, mais próximos da modalidade oral, devido, justamente, à presença de determinadas características desses gêneros, quando na relação entre a fala e a escrita constatada por Marcuschi e, ainda, em decorrência da prática social que esta escrita representa para MA.

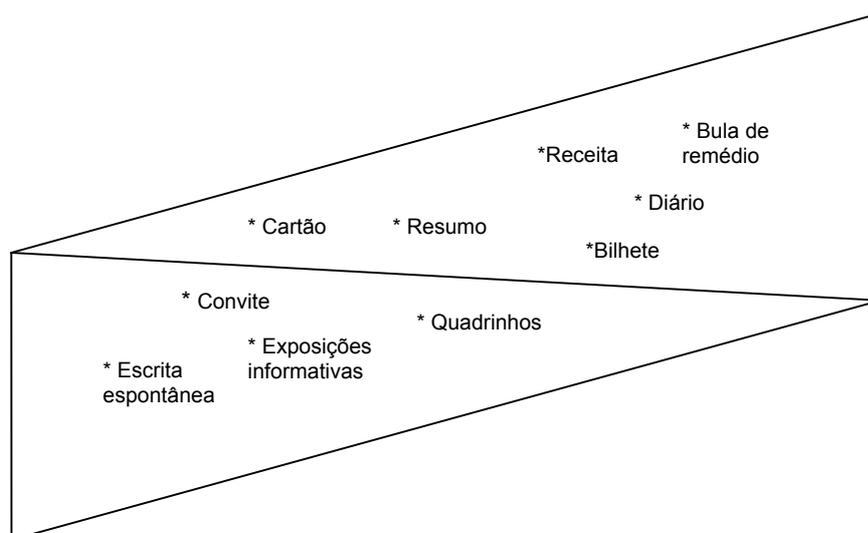


Figura 22 – Produções de MA na relação com o *continuum* de gêneros textuais proposto por Marcuschi (1995).

Dessa maneira, pode-se verificar que o gênero textual bula de remédio, que é aquele que mais se aproxima da modalidade escrita, foi o que causou mais problemas de elaboração para MA. Apesar de se comunicar, quase que exclusivamente, através da escrita, este gênero causou certa dificuldade, possivelmente por exigir uma escrita mais elaborada e específica. O mesmo ocorreu com a receita e o diário, que também apresentam configurações para a sua construção, devido a presença de certos elementos que identificam determinado gênero textual como a forma de organização do texto, a forma diferenciada da escrita e dos tópicos que compõem cada gênero especificamente.

Por outro lado, na escrita espontânea, por ser um texto livre em que o sujeito pode usar sua criatividade e construí-la da forma que preferir, MA parece se sentir mais à vontade e o produz adequadamente sem grande dificuldade. Deve-se levar em consideração, também, o fato de ser o tipo de texto utilizado por ele para se comunicar com as outras pessoas, conseqüentemente, apresentando mais facilidade, possivelmente por usá-lo com mais freqüência.

A questão da contextualização constitui outro fator determinante para o sucesso na produção de um determinado gênero. Para MA, escrever para se comunicar faz parte de seu dia-a-dia, sendo uma tarefa essencial que faz, realmente, sentido para ele. O mesmo se dá com relação ao convite aos familiares para a comemoração da festa junina. Naquele momento, existia um objetivo que lhe

motivava a produzir aquele texto; já a produção de uma bula de remédio fictícia não lhe fazia sentido, e, provavelmente, por isso não se saiu tão bem.

O posicionamento dos gêneros textuais no *continuum* justifica também a presença ou ausência das marcas de oralidade em determinado gênero. A escrita espontânea, por exemplo, é utilizada por MA para se comunicar, funcionando realmente como a fala, podendo-se dizer, nesse caso, que as duas modalidades se confundem; não se sabe quando começa uma e termina a outra. Daí, uma grande quantidade de indícios da oralidade nesse tipo de texto. A exposição informativa também é um gênero textual que possui mais marcas da modalidade oral em sua produção, o que justifica o fato de que, durante a sua produção, o interlocutor constrói o texto junto a MA, assemelhando-se, assim, a uma conversação.

Resulta daí a importância de se trabalhar a questão da relação fala-escrita, tomando como base a teoria do *continuum*, bem como a escolha dos gêneros e o modelo de análise adequada para a produção textual do afásico, levando em conta o contexto de produção e o objetivo da atividade proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a proposta de estudo aqui sugerida e, evidentemente, a abordagem metodológica utilizada, foi possível verificar algumas particularidades intrigantes na relação fala-escrita na linguagem do sujeito desta pesquisa.

Inicialmente, pôde-se perceber que as características da oralidade observadas na escrita do afásico divergem, em parte, daquelas que são possíveis de serem encontradas na escrita de um sujeito que não foi acometido por essa patologia. Existem, sim, marcas da oralidade na escrita do afásico com dificuldades predominantemente expressivas, contudo, são marcas e indícios **característicos** da linguagem oral do afásico.

A sua linguagem geralmente apresenta-se mais reduzida e simplificada do que aquela dita normal, imprimindo à sua fala um aspecto telegráfico. Em relação a este aspecto da oralidade do afásico, pôde-se verificar, na escrita de MA, que, da mesma maneira que ocorre na sua fala, a escrita vai se apresentar de forma topicalizada, com uma palavra representando uma frase inteira. Nesses casos, é possível perceber que ele realiza o acesso lexical, escolhendo palavras repletas de intenções significativas que dão o sentido e intencionalidade da mensagem. Essa especificidade lingüística do sujeito afásico deve ser explorada no âmbito fonoaudiológico, visto que funciona como uma estratégia utilizada por ele para se fazer entender.

Uma outra característica é a aparente fragmentação do seu texto. Assim como a fala propriamente dita tem um aspecto desorganizado e fragmentado aos olhos de quem ouve ou lê uma transcrição de fala, a escrita de MA pode ser qualificada por um pesquisador ou fonoaudiólogo mais desatento como caótica e de difícil compreensão, devido às freqüentes reparações, auto-correções e hesitações, tão comuns na modalidade falada da língua. Mas, ao analisá-la levando em consideração o contexto em que foi construída, é possível entender de forma clara o que se pretendia expressar.

Os gestos e expressões faciais, recursos próprios da fala, são amplamente utilizados como um tipo de estratégia para se fazer compreender, ou seja, um processo compensatório para que melhor entendam aquilo que escreveu e o que queria expressar.

Sugere-se, que, na clínica, seja dado o devido destaque a essas iniciativas, importantes tanto para a comunicação como para o processo de restabelecimento da linguagem, visto evidenciarem a competência lingüística e comunicativa do afásico, mostrando que ela está preservada.

A análise da relação fala/escrita baseada no *continuum* dos gêneros textuais, bem como uma proposta terapêutica norteadas por estes princípios é de grande valia para a reconstrução da linguagem do afásico. A partir do trabalho empreendido no Grupo de Convivência, foi possível perceber que a dificuldade na manipulação e desenvolvimento de certos textos era relativamente proporcional ao grau de formalidade exigido pelo gênero textual trabalhado e a sua função social.

Para MA, que tem a escrita como principal meio de expressão, o gênero “fala/escrita espontânea” é aquele mais utilizado e que possui mais facilidade para desenvolver. E, possivelmente, por ser um dos gêneros menos formais e que dentro do *continuum* se confunde com a fala, também é aquele que apresenta mais marcas de oralidade.

Já em gêneros em cuja composição é necessário um texto dissertativo mais formal, ou seja, relacionados com uma escrita mais elaborada, MA apresenta visível dificuldade para sua construção, embora tente compensar com o uso exarcebado de pontuações e uma escrita mais linear do que aquela utilizada para “falar”, o que reflete a sua consciência sobre a formalidade exigida naquele tipo de texto.

Neste trabalho, chama-se a atenção para o trabalho com o texto escrito na clínica, levando-se em consideração a forte relação existente entre oralidade e escrita em um *continuum* de produção de gêneros textuais, evitando, dessa forma, as dicotomias e permitindo uma seleção adequada dos textos que se vai trabalhar. Para isso, é imprescindível, no momento da definição das atividades, a contextualização das propostas, trazendo à clínica textos que realmente façam sentido para o sujeito, além do conhecimento do seu grau de letramento.

Com base no modelo de proposta de trabalho para o resgate da linguagem do afásico, aqui utilizado, e de acordo com uma teoria que leva em consideração as relações existentes entre fala e escrita e a distribuição de seus usos na vida cotidiana, é possível reafirmar o que postula Marcuschi (2007, p. 15):

mais do que uma simples mudança de perspectiva, essa nova visão de fala e escrita representa a construção de um novo objeto de

análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais.

Espera-se, assim, que os profissionais da fonoaudiologia possam perceber as vantagens de se trabalhar a partir dessa perspectiva sociointeracionista, aproveitando todos os recursos utilizados pelo paciente afásico para o restabelecimento da sua linguagem.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Betina Sguário Moreschi. **Relações de interdependência entre a oralidade e a escrita em um caso de afasia**. Curitiba, PR: [s.n], 2004. (*Dissertação de Mestrado em Letras/Estudos Lingüísticos*, setor de Ciências Humanas e Artes, UFPR. 145f.

BAKHTIN, M. Os gêneros dos discursos. *In: Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.227-326.

BARROS, D. L. P. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. *In: Preti, Dino (Org.). Fala e escrita em questão – 3 ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. (Projetos Paralelos – NURC/SP, 4), p. 57-77.*

BIBER, Douglas. **Variation across speech and writing**. Cambridge University Press, 1988. Traduzido por Eudenio Bezerra da Silva, UFPE (mimeo), 1995.

BLEDSOE, C. H e ROBEY, K. M. Arabic literacy and secrecy among the mende of Sierra Leone. *In: STREET, B. (ed). Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 110-134.

CARREÓN, E. M.; JURADO, A. C. Gesto y rostro en el cine: enunciación y construcción del significado. *In: II Congreso y V Coloquio de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso*. Puebla, México: UAM- I, 2003, p. 172.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 205 p.

DAUDEN, A. T. B de C. & MORI-DE ANGELIS, C. C. Leitura e escrita: uma questão para fonoaudiólogos. *In: DAUDEN, A. T. B. de C.; MORI-DE ANGELIS, C. C. Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico – São Paulo: Pancast editora, 2004, p.37-63.*

FARIA, N. R. B. Área de aquisição da linguagem sob os efeitos do reconhecimento da ordem própria da língua. *In*: Spinillo, A., Carvalho, G., & Avelar, T. (orgs.). **Aquisição da linguagem: teoria e pesquisa**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002. p. 13 – 43.

FLOSI, Luciana Cláudia Leite. **A relação dinâmica da linguagem oral com a escrita e gestos na afasia**. Campinas, SP: [s.n], 2003. (*Dissertação de Mestrado em Lingüística*, IEL, UNICAMP). 124f.

Freud, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1977.

GANDOLFO, Mônica. **A classificação das afasias em questão: lugares de institucionalização e questionamentos**. Campinas, SP: [s.n], 2006. (*Tese de Doutorado em Lingüística*, IEL, UNICAMP). 180f.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. – (Texto e Linguagem).

GUMPERZ, John. Contextualization and understanding. In A. Duranti & C. Goodwin (Eds.), **Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon**. New York: Cambridge University Press, 1992, p. 229-253.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

JOANETTE, D.; LAFOND, D.; LECOURE, R. A afasia do afásico. *In*: PONZIO, J. et al. **O afásico – Convivendo com a lesão cerebral** – São Paulo: Santos, 1995, p. 1-18.

KITZING, P., AHLSEN, E & JÖNSSON, B. Communication aids for people with aphasia. **Revista Logopedics Phoniatrics Vocology**, 2005; 30: 41 – 46.

KLEINMAN, Shirley & MENN, Lise. **Shirley says: living with aphasia** – notes for people with aphasia and their families, 1997. Disponível em: <http://spot.colorado.edu/~menn/Shirley4.pdf> Acesso em: 14 dez. 2007.

KOCH, Ingedore Vilaça. **A inter-ação pela linguagem** – 3ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LEBRUN, Yvan. **Tratado de afasia**. 1ed. São Paulo: Panamed, 1983. 124p.

LURIA, A. R. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdã: Sweets & Zetlinger B.V.,1977.

MACEDO, H. O. **O Processo de Refacção Textual na Linguagem Escrita de Sujeitos Afásicos**. Campinas, SP: [s.n.], 2005. (*Tese de Doutorado em Lingüística*, IEL, UNICAMP). 227f.

MACHADO, MLA., BERBERIAN, AP. e MASSI, G. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In: SANTANA, AP., BERBERIAN, AP., GUARINELLO,AC. E MASSI, G. (orgs.). **Abordagens grupais em Fonoaudiologia: Contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007. p. 58-79.

MANSUR, L. L; MACHADO, T. H. Afasias: Visão Multidimensional da Atuação do Fonoaudiólogo, *In*: FERREIRA, L. P; BEFI-LOPES, D. M; LIMONGI, S. C. O. **Tratado de Fonoaudiologia**. – São Paulo: Roca, 2004. p. 920 – 931.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita; *In*: **Anais do I Encontro de Língua Falada e Ensino**. Maceió: Ed. da UFAL, 1995, p.27-48.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In*: SIGNORINI, I. **Investigando a relação oral/ escrito e as teorias do letramento**. 1. ed. - São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p.13-29.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A (orgs.). **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 207 p.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6 ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

MENDONÇA, L. I. Z. Contribuições da Neurologia no estudo da Linguagem. *In*: ORTIZ, K. Z. (org.) **Distúrbios Neurológicos Adquiridos: linguagem e cognição**. – Barueri, SP: Manole, 2005. p. 1 - 33.

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos** - subsídios teóricos e práticos elaborados pelo centro de convivência de afásicos (Universidade Estadual de Campinas). São Paulo, 2002. 62 p.

_____. Neurolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v.2 – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2006, p. 143-170.

NEVES, M. H. de MOURA. Língua falada, língua escrita e ensino: reflexões em torno do tema. *In*: **Dino Preti e seus temas**. São Paulo: Editora Cortez, 2001. p. 321-332.

ORTIZ, K. Z. Afasia. *In*: ORTIZ, K. Z. (org.) **Distúrbios Neurológicos Adquiridos: linguagem e cognição**. – Barueri, SP: Manole, 2005. p. 47 – 64.

RAPP, Carola. **A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia**. Campinas. Tese de doutorado. São Paulo : [s. n.], 2003.

SACKS, O. W. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas**. 10ed - São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SANTANA, A. P. **Escrita e Afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia**. – São Paulo: Plexus Editora, 2002. 155 p.

SANTANA, A. P. e MACEDO, H. de O. O afásico e a linguagem escrita: algumas reflexões. *In*: DAUDEN, A. T. B. de C.; MORI-DE ANGELIS, C. C. **Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico** – São Paulo: Pancast editora, 2004, p. 135-148.

TASCA, Maria. A lingüística e o estudo das línguas. *In*: **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores lingüísticos e sociais** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.16-48.

VIEIRA, Cleyde H. Sobre as afasias: o doente e a doença. *In*: LIER-DE-VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. (orgs.) **Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem** – São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p.235-246.

ANEXO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PACIENTES COM
AFASIA

Título da pesquisa: Marcas de oralidade na escrita de um afásico com dificuldades expressivas

Eu, _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para minha participação como voluntário do projeto supre citado, sob a responsabilidade da pesquisadora Marígia Ana de Moura Aguiar.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

O objetivo da pesquisa é

- Investigar os tipos e as circunstâncias de ocorrência das marcas/ indícios da oralidade, que são preservadas na produção escrita de um afásico com dificuldades expressivas.

Durante a pesquisa, serão realizados encontros na Oficina de Escrita do Grupo de Convivência de Afasia na Universidade Católica de Pernambuco em que será solicitada ao paciente a produção de textos escritos.

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Meus dados serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para atingir o objetivo da pesquisa exposto acima. Estão incluídas nesses objetivos, as publicações na literatura científica especializada, as quais omitem todos os que possam identificar os participantes da pesquisa.

Recife, de de 2007

Voluntário: _____

RG: _____

Prof. Marígia Ana de Moura Aguiar
Pesquisadora